



AS MARAVILHOSAS HISTÓRIAS ESCOTEIRAS V.

**Com o tempo você percebe que as pessoas são como livros...
Alguns te enganam pela capa e outros te surpreendem pelo
conteúdo!**



Chefe Osvaldo Ferraz

Chegamos ao volume V de Histórias Maravilhosas. Um condensado das histórias escoteiras que mais se destacaram entre os leitores. Espero que como as outras estas também sirvam de deleite para seu descanso, para contar aos seus lobinhos ou aos seus Escoteiros. Quem sabe em uma noite de luar, um céu estrelado, em volta de um fogo gostoso, em uma clareira qualquer neste território Brasileiro tão cheio de belezas, você poderá contar histórias que todos gostam e que todos apreciam.

Obrigado pela sua escolha. Desejo a você um escotismo alegre feliz, cheio de sorrisos e aventuras.

Chefe Osvaldo



Quem são eles?

Ei você, por favor, me diga, quem são eles?
Estes sorrisos cantorias são mesmo deles?
Aonde vão com essa tralha no costado,
Partem em bandos nem parecem assustados
Dizem que vão para os campos e montes,
Cheios de esperanças a beber água na fonte?

Sei que são meninos cheios de esperanças
A correr com bandeiras nas andanças,
No regato águas lípidas e formosas,
Contam casos contam prosas.
No lusco fusco do sol da tarde
Armam barracas sem fazer alarde.

Usam mochilas, distintivos e chapéu.
Usam lenço amarrados ao arganêu.
Na ravina eles gostam das flores
Orgulham da promessa, dos seus valores.
Armam barracas, arvoram bandeiras.
A moeda da boa ação está na algibeira.

Ei jovem, me diga quem são?
Vejo vocês fazendo boa ação,
Moço, sou menino, sou faceiro,
Olhe bem, sou Escoteiro!
Amo a Deus, amo meus amigos

Amo a pátria e da lei os seus artigos.

**Pensei que eram simples meninos
Enganei-me, eram divinos.
Batutas, energia que consomem
Sem duvida em breve serão homens.
Nunca seriam esquecidos forasteiros
Pois ali estavam verdadeiros Escoteiros.**

**Se um dia perguntarem Aonde vão
Diga com calma com amor no coração.
Eles? Meu amigo, são alegres faceiros
São meninos, eles são Escoteiros.
Vivem de sonhos correndo neste céu cor de anil,
São sinceros, são amigos, são Escoteiros do Brasil!
Chefe Osvaldo**



Ninguém pode fugir do seu destino.

- Eu só o vi Chefe quando ele passou em frente ao meu mercadinho. Assustou muita gente. Contaram-me depois que surgiu lá na trilha que leva ao arraial de Santana e passou pela rua do centro, ou melhor, pela única rua do nosso arraial de cabeça erguida, só olhando para frente e não cumprimentou ninguém! – Quando vi me assustei, ele estava de uniforme, calça curta, Chapelão e uma imponência de fazer inveja. Uma barba grisalha, os cabelos também grisalhos amarrados atrás como um rabo de cavalo. Andava devagar,

como se estivesse em transe, atrás seu cavalo e que cavalo Chefe. Um Baio de pêlo castanho com crinas pretas. Eu vi logo que era um Manga-larga marchador, daqueles descendentes dos Alter Real que chegaram ao Brasil por meio dos nobres da corte portuguesa. Era realmente uma imagem incrível para se guardar para sempre. Ele não segurava a rédea. Estava preso em uma linda cela de prata e o baio seguia seu dono onde quer que ele fosse. Todos que estavam nas janelas e portas estavam embasbacados. Ninguém disse nada um silêncio arrepiante. Só quando ele sumiu na esquina que o levaria a Fazenda Céu azul que pertenceu ao falecido Salomão foi que todos deram conta que algum estranho estava para acontecer.

Depois daquele dia ele nunca mais apareceu aqui no arraial. Sumiu por completo. Alguém dissera que era um feiticeiro. Que iria destruir o arraial. O boato morreu assim como surgiu. Soubemos dele pelo Terrinha, um meeiro que mora lá pelas bandas da fazenda Céu Azul. Foi ele que nos contou que o Chefe Leopardo comprou a fazenda. Sabíamos que não havia fazenda nenhuma, só terras banhadas pelo Rio Barrento. Terrinha disse que ele construiu uma choupana na beira do rio e ninguém pode chegar até ele. Quando ele vem à cidade o Chefe Leopardo pede que ele compre algumas coisas para ele. Sempre Pó de café, açúcar e sal mais nada. Sempre dá a ele uma gorjeta. Olhei para Campanário o dono da Mercearia. Não duvidava, mas seria mesmo o Chefe Leopardo? Sabia que ele sumiu de um dia para o outro de Monte Azul, deixou tudo para trás, não disse adeus a ninguém. Nem mesmo seus Escoteiros souberam de nada. Eu tive pouco contato com ele, mas quando me contaram do seu sumiço tentei saber o porquê. Chefe Noraço seu amigo não sabia, Malemont um sênior que vivia junto a ele também não. Ele não tinha namorada, pais nada. Morava sozinho.

Não poderia deixar passar em branco aquela notícia. Eu tinha de saber o que houve. Parei ali em Verdes Mares, um arraial que nem rio tinha só para completar o tanque do meu carro e porque não bater um papo com Campanário. Ele tinha sido da minha patrulha sênior e o que fizemos naquela época era como se fosse um motivo para não esquecermos nunca nossa amizade. Fiz um lanche na Mercearia dele a única do arraial, pois era um povoado pequeno não mais do que umas duas mil almas. Eu seguia para Lontra Verde, uma cidade não muito distante a pedido de uma fábrica de tijolos, uma olaria do Seu Tanquinho. Já nos conhecíamos. Sempre prestei serviços de manutenção em máquinas para ele. – Campanário, preciso ir lá. É uma oportunidade única. Você consegue um cavalo para mim? Chefe ele disse, são três léguas, mais de dezoito quilômetros a cavalo vai demorar umas três horas. Sem problemas Campanário. Preciso tirar isto a limpo. Ele prestativo deixou a mercearia e meia hora depois apareceu com uma mula linda, uma Andaluz alta, arriada – Chefe Zé Biroasca me alugou. Depois o senhor para ele.

Duas horas e meia depois avistei a choupana do Chefe Leopardo. Incrível! Toda feita de madeira original nos moldes das cabanas americanas. Em volta ele mesmo cavou um fosso em meio círculo, pois sua choupana era na

beira do rio e ninguém poderia chegar sem atravessar o fosso. O mais espetacular era o mastro de bandeira que construiu. Vi que o cabo subia automaticamente tocado pela correnteza do rio. Uma linda bandeira Nacional estava hasteada. Desci do cavalo e ele chegou à porta. – Tarde! Eu disse. – Ele não disse nada. – Ficamos olhando um para o outro. Vi que sua mente tentava lembrar-se de mim. - Olá Vado, o que fazes aqui? – Visita Chefe Leopardo. Ou não posso visitá-lo uma única vez? – Ele pegou um cipó curado, e vi que uma ponte pênsil rodava para se firmar no fosso. – Sua mula fica aí. Perigoso para ela atravessar a ponte. Senti uma pontada de orgulho e inveja. Construiu o mais belo local para morar com suas próprias mãos. Não usou cordas, cabos ou cipós. Tudo na base do encaixe. Pioneirias que poucos um dia podiam fazer. Um belo chiqueirinho, um belo galinheiro e uma horta de tirar o chapéu. Ele plantava mandiocas, na beira do rio fervilhava aboboras de todo tamanho. Tinha pé de manga, goiaba, laranjas e até uma macieira eu vi. – Entrei na sua casa e meu queixo caiu. Uma linda mesa toda de madeira, bancos confortáveis, um quarto com uma cama e mosquitoireiro feito de lascas de bambuzinho chinês.

- Sente Vado, olhe não me conte as novidades. Sou feliz assim sem saber o passado, o presente e nem o futuro quero adivinhar. Pegou-me de surpresa. – E você? Eu disse. – Quer saber a minha história não é? Nunca falei para ninguém. Só me dirijo uma vez por mês com o Terrinha. Um bom sujeito. Gosto do silêncio do meu trabalho, eu estou sempre fazendo uma pioneiria ali e acolá, adoro pescar traíras a noite. Gosto de Caçar um quati, uma capivara com meu arco para comer carne fresta. À noite acendo meu fogo, deito na relva para contar estrelas, amo o por do sol e nunca deixei de ver o nascer do sol com as borboletas ciscando meus ombros e cabelos. Um dia vi que a vida que tinha não era o que eu queria. Amava meus Escoteiros. Mas eu precisava de algum mais. Juntei um dinheirinho e fui para o Nepal. Passei quatro anos em um mosteiro. Também não era o que sonhei para mim. Nunca seria um monge mesmo gostando do silêncio. Comprei esta fazenda. Aqui tenho tudo que quero. A terra é boa, ela é minha amiga, tudo que planto ela dá o retorno. Aqui eu tenho tudo que eu desejo. Não quero companhia, não vou casar e ter filhos. Quando meu corpo não me obedecer mais e chegar a hora de morrer, morrerei aqui, sentando na curva da lontra onde fiz uma linda cadeira de balanço. É lá que vivo e faço parte da natureza. É lá que sinto a minha liberdade e me sinto livre de todas as amarras da civilização.

Chefe Leopardo sorriu. Disseram-me que ele nunca sorria. - Hora da bandeira ele disse. – Quer participar? – A bandeira farfalhava ao sabor do vento ali na beira do Rio Barrento cujas águas eram límpidas claras e serenas onde se podia ver os peixinhos a nadar. Durante a descida ele cantou o Hino Alerta. Sua voz rouca não titubeou uma única vez. Apertei sua mão esquerda, ele me agradeceu a visita e me pediu que não contasse a ninguém onde estava. Ele queria continuar sua vida de ermitão. Ali morava e ali iria morrer. Agradeceu-me e quando partia ele me disse – Dê lembranças ao Campanário! – Você o conhece? Perguntei. – Claro Vado, ele foi Escoteiro junto a você. Parti pensando o que era a vida. Não entrei em detalhes com Campanário. Chefe

Leopardo queria ter uma vida só dele. Não queria dividir o silêncio e os ventos do norte que sempre sopravam em sua choupana com ninguém. Chefe Leopardo confiou em mim. Sua vida, o que queria e o que escolheu seria um segredo meu guardado para sempre. Que ele vivesse em paz. Sempre pensei comigo: - Ele não quer ter razão, só quer ter uma vida assim. Quem sabe eu não invejo sua escolha?



O doce sorriso de Jota B.

Ele não tinha olhos verdes ou azuis. Eram negros, olhos que brilhavam. Sua face era rosada e seus lábios pequenos não diziam nada de sua beleza. Franzino ele conquistava a todos pelo seu estilo franciscano e fraterno. Jota B era um menino comum. Na Patrulha Lagarto muitas vezes se esqueciam dele. Quase não falava, mas sabia tudo. Nos acampamentos era uma mão na roda. Cozinhas, fazia belas pioneirias, sempre se oferecendo como voluntário em tudo que se pedia. Se ele não fosse todos reclamavam pelo serviço a fazer. O bom em Jota B era sua brandura, sua calma, seu olhar franco e sem afetação e sabia ouvir. Um ótimo ouvinte. Nunca ninguém reclamou dele na patrulha. Ao contrário era sempre elogiado. Não só a Lagarto, mas todos na tropa inclusive o Chefe Dakota, filho de um índio americano com uma brasileira de Porto Seguro. Jota B era a personificação da paz. Olhar para ele era como se estivesse olhando um mar de mansidão, harmonia, serenidade e bonança.

Dona Flora sua Professora o amava como se fosse um filho. Os colegas de classe tinham um respeito enorme por ele e no alto dos seus onze anos sempre o procuravam para aconselhamento, e ter com ele um momento de quietude, mansidão e paz. Dona Carminha e seu Randolfo seus pais tinham um orgulho enorme do filho. Ele mesmo já dissera que ia ser Doutor. Queria ser um

médico para ajudar a todos sem cobrar um tostão. Quem o conhecesse acreditava. Ele tinha tudo, boas notas, bem quisto, amado e claro, um Escoteiro que sabia o valor da Lei, da Promessa e tudo que o Chefe Dakota ensinava. O Pastor Rosivaldo da Assembleia de Deus a qual seus pais participavam sorria toda vez que o via. Sempre dizia para ele: - “Valdívian, todos nós sabemos que a oração é o único meio de comunicarmos com Deus. É através da oração que resistimos aos ataques do diabo, recebemos vitória sobre nossas fraquezas e aprendemos que conviver com amor faz parte de todos nós”.

A vida em Verdes Mares nunca mudou para ele até aquele dia. Porque tinha de ser assim? Tudo aconteceu de repente. – Ela bateu de leve em seu ombro. – Jota B, vamos cabular a aula hoje? Ele olhou para ela. Sabia quem era. Era da Turma A e ele da C. Nunca falou com ela, nem sabia seu nome, mas o convite o assustou. Ela riu. – Está com medo? Você é santo por acaso? Sempre dizendo sim senhor e não senhor? – Jota B sorriu de leve. Não respondeu. Ela continuou. – Adoro viver em perigo, você não gosta? Fazer o que nunca fizemos. Vamos hoje fazer uma rotina diferente, vamos entrar em um ônibus e ir até o centro. Vamos passear de mãos dadas pelas ruas cheias de gente estranha que não sabe quem somos. Quem sabe encontramos uma aventura que você e eu nunca tivemos e nunca vamos esquecer? Ele lembrou seu nome. Dagmar. Não era bonita nem feia. Mas que sorriso ela tinha. Suas palavras entraram fundo em seu coração. Cabular aula? Nunca fiz isto. Não quero, não posso, tenho que aprender tudo para ser o que quero ser no futuro.

Ela o pegou pela mão. Mãos macias agradáveis que deram a Jota B uma sensação diferente, uma vontade de ir, de ver o que iria acontecer, de fazer alguma coisa diferente. Lá foram os dois pela Rua Santa Ângelo atrás do ônibus que os levaria para o centro da cidade. Sentaram bem atrás. Jota B não olhava para ela. Estava envergonhado do que fazia, mas ela era uma tentação. Seu convite, seu sorriso, seu desafio e suas mãos macias foi demais para ele. Ela falava, matraqueava e Jota B encantado com tudo que ela dizia. Falou de seus pais, que não gostavam dela, que nunca perguntavam suas notas. Falou de sua professora que nunca lhe deu um abraço, um elogio mesmo com suas notas que eram boas. Falou, falou e falou. Jota B só ouvia. Não tinha o que dizer. Viu quando o ônibus entrou na Paulista. Nunca fora ali e conhecia pela TV.

Desceram em frente ao MASP que estava cheio de gente. Muita gente. Uns gritavam palavras de ordem com placas nas mãos. A maioria estava escrito: - Tarifa Zero! Juntos aos manifestantes muitos mascarados. Jota B se assustou. Dagmar não, ela o levou mais para dentro da manifestação. Em pouco tempo explodiram bombas de gás. Jota B tinha os olhos cheios d’água e chorava. Dagmar sorria e dizia que era seu momento. Sempre Sonhou com isto. Um moleque de uns desesseis anos tentou arrancar um pequeno colar que ela usava no pescoço. Dagmar resistiu e chutou o marginal. Ele tirou da cintura uma arma e apontou para Dagmar. Jota B era pacífico. Nunca brigou ou lutou com alguém e nem sabia como lutar. Quando ele viu que o marginal ia atirar

pulou em suas costas segurando sua jugular. O marginal mais forte com um solavanco o jogou ao chão e atirou! Jota B sentiu que tudo ficava escuro. Não sentia dor. A escuridão o levou a uma nuvem que viajou rápido para as estrelas. Em uma delas parou e viu que ali tinha inúmeros amigos que sorriam para ele.

Jota B sorria também. Ele se lembrava de que um dia morou ali. Sentiu um vento soprando que o jogou em um redemoinho. Foi puxado com força para O Planeta Terra. Tentou abrir os olhos, devagar, piscou algumas vezes, pois tudo estava como se uma nevoa tivesse invadido aquele quarto. Notou seus pais olhando para ele e sorrindo. Notou ao lado deles o Pastor Rosivaldo dizendo: Bendito seja Deus! Notou o Chefe Dakota o olhando severamente, mas com aquela bondade de um segundo pai. – Mamãe! Onde estou? – Você está de volta meu filho, estive lá na estrela onde sempre morou, mas só vai voltar daqui a muitos e muitos anos, ainda não chegou sua hora! Jota B sorriu, queria perguntar, mas sentiu dificuldade em falar. Sentia dor no peito e quando falava doía. Seu pai disse que seria por pouco tempo, logo ele estaria bom de novo. Sorriu porque não viu neles nenhuma admoestação. O Chefe Dakota deu um passo à frente, olhou para ele e disse: - Jota B, ai fora tem uma menina chorando. Não parou de chorar desde que você foi internado aqui. Quer pedir perdão a você! Posso deixá-la entrar?

“Só quem entende a beleza do perdão, pode julgar seus semelhantes”.



A barraca dos sonhos de Tião Muriel.

No aniversário dos quatro anos Tião Muriel chorou o tempo todo. Sua mãe dona Quiçá fez tudo para acalmá-lo e não conseguiu. Seu Pai Antonio dos Prazeres quando chegou à noite viu o berreiro do filho e ficou incomodado. Não acreditou na esposa o motivo de seu choro – Ele quer uma barraca de presente Antonio! – Barraca? Onde ele arrumou esta ideia? Ninguém entendeu nada. Seu Antonio já tinha comprado para ele um Jipe, enorme, verde que dava para ele brincar a vontade. Afinal foi seu pedido de aniversário. Mas não ele agora queria uma barraca. De onde tirou esta? – Papai, eu disse com sua vozinha meiga, Periquito tem uma! Seu Antonio se lembrou de Periquito. Ele tinha seis anos e meio e era lobinho. Tião Muriel ainda não tinha idade e não podia participar. – Olhe Tião, prometo que quando você for Escoteiro compro uma para você. Ajudou? – Não ajudou. Tião Muriel não chorou mais, mas todos sabiam de sua tristeza. Pouco sorria, pouco falava.

- Melhor comprar esta barraca disse sua mãe Dona Quiçá. Eu sei mulher, mas onde vou arrumar o dinheiro? Já passei nas lojas Bacamarte e a mais barata para duas pessoas custa duzentos e oitenta reais! Não se sabe como Maísa ficou sabendo. Maísa era Akelá do Grupo Três Irmãos. – Olhe seu Antonio, vamos resolver assim, Tião Muriel terá sua barraca. Infelizmente não posso doar, mas eu tenho uma que sempre levo quando vou acantonar com os lobinhos. Posso emprestar e quando formos o senhor me devolve! – Quando Tião Muriel soube ficou pensativo – Mas tenho de devolver papai? Claro filho, quando eles retornarem a barraca volta para você! – Assim não quero. Quero uma minha! – E agora? Eu tenho a solução! Falou Tomé, Monitor da Touro que era vizinho de Tião Muriel. Ele vai conosco no próximo acampamento! – Mas como? Disse o pai. Ele só tem quatro anos. – Deixa comigo, vou tomar conta dele. Claro que não vai ter uniforme nem nada. O senhor prepara uma mochila para ele com a lista que irei fornecer. A patrulha já sabe e quer fazer uma boa ação! O Chefe Mostarda na Corte de Honra ficou de acordo.

Duas semanas depois Tião Muriel com a mochila nas costas, dando risadas foi no seu primeiro acampamento Escoteiro. Não saiu uma única vez distante de Tomé o Monitor. Ajudou em tudo que podia. Até água no córrego foi buscar. Chefe Mostarda de longe sempre olhando – Falou para Tomé ficar de olho. Era uma responsabilidade muito grande. A noite chegou, Tião Muriel queria ir para a barraca – Ainda não Tião, temos o jantar e o Fogo de Conselho. - O que é isto? Perguntou. Tomé explicou e Tião adorou, até esqueceu um pouco da barraca. Quando ele finalmente foi para sua barraca à coisa degradingolou! – Não vou dormir com ninguém na barraca! Ele disse. Quero dormir sozinho! – E agora? O melhor é pedir a Tininho, Sacopemba e Marreco Escoteiros da patrulha para se apertar em outras barracas de outras patrulhas. Tomé estava de cara fechada. O berreiro de Tião não estava no gibi. O Chefe Mostarda veio ver o que era e se arrependeu em ter deixado Tião vir.

Finalmente o silêncio aconteceu. Tião Muriel podia dormir sozinho em sua barraca. Entrou, sorriu e deitou com as mãos em sua nuca. Olhava o teto da barraca e sorria mansamente. Fechou os olhos e quando abriu viu que

estava em um local verde, muita grama gostosa para dar cambalhotas e um menino de olhos azuis, cabelos vermelhos o pegou pela mão e saíram voando pelo céu. – Eu sei que você queria dormir na barraca para se encontrar comigo - Ele disse. Fui eu quem lhe colocou na cabeça ter a sua barraca. Eu precisava falar com você. Seu destino está feito, você vai partir para a Estrela do amor dentro em breve. Eu moro lá e estarei esperando por você. Um dia nós dois fomos irmãos, você sempre me protegeu mesmo quando a barraca do circo pegou fogo. Lembro que você tentou de tudo para me ajudar e não conseguiu. Lembro que você ficou por anos se sentindo culpado.

- Agora finalmente iremos ficar juntos outra vez. Esqueça por alguns anos seu pedido de barraca, seja bom com seus amigos Escoteiros, lembre-se que seus pais o amam e eles estarão conosco breve, todos vocês vão partir depois de um terrível acidente. Mas isto tem de acontecer, foi programado e foi você e seus pais quem escolheram. O menino o abraçou e o beijou na face. Não disse seu nome. Tião Muriel sabia quem era. Acordou em pleno dia com a alvorada dos escoteiros. Levantou e procurou Tomé pedindo desculpas. Foi um belo acampamento. Marcou muito a vida de Tião. Quatro anos depois Tião já era um lobinho. Um bom lobinho cumpridor dos seus deveres com a lei do lobinho. A Alcateia e os chefes o amavam. O dia fatídico chegou. Seu pai com muito custo comprou um carrinho, resolveram ficar uns dias na praia. Na descida da serra faltou freios e o carro caiu em uma ribanceira. Todos morreram e o Grupo Escoteiro ficou consternado com aquela partida por muitos anos.

Tião acordou junto com seus pais e viram um clarão azul que quase os cegava se aproximando deles. No clarão avistaram Antonio Pedro. Ele estava de branco com uma linda bata acompanhado de uma senhora vistosa também de branco. Era a mãe de sua mãe, a sua avó Amélia. Deram as mãos, se abraçaram e partiram para a estrelas onde seria a sua nova morada. Moram em uma casinha branca, com um jardim de muitas flores, onde os pássaros cantam canções lindas, onde perto tem uma nascente de águas cristalinas e bem em frente a sua casa tem uma linda barraca verde, onde Tião sempre dorme. Dizem que lá no céu eles viveram felizes para sempre!



A lobinha Mariana e o boneco de papel.

(um conto baseado na história de Pinóquio)

Ah, Não sei se você a conheceu. Linda menina, olhos alegres, nariz fino, esperta muito esperta. Tinha um defeito enorme que todos que a conheciam sabiam. Ela gostava muito de contar uma mentira. Sempre contando fantasias que nunca existiram. Sempre inventava, tirava da imaginação coisas que não existem e mesmo sua mãe lhe dizendo que era errado, ela ria baixinho e lá vinha outra mentira. Lisbela a Akelá vivia dizendo que um dia ela iria se arrepender se não parasse de mentir. – Marina, você conhece a Lei do Lobinho. A quinta diz tudo, a lobinha diz sempre a verdade! Marina fingia estar triste e sempre prometia nunca mais mentir. Não era de hoje que ela mentia. Enquanto pequena todos achavam graça e riam dizendo que ela tinha uma fértil imaginação. Então foi crescendo e seus pais só ouviam reclamações dos vizinhos, professores e até dos chefes de sua alcatéia. Sua mãe sempre dizendo sempre insistindo para ela não mentir.

Muitas das suas mentiras causaram mal estar, prejudicaram pessoas, fizeram com que elas brigassem com histórias que nunca existiram. Um conselho de primos aconselhou que ele fosse mandada embora. Na matilha ninguém mais gostava dela. Mariana um dia se sentiu infeliz. Acreditava que a mentira ajudava falava para si própria que é melhor uma mentira que um verdade enganosa. Sua mãe intercedeu por ela na Alcateia – Não posso prometer nada, mas o que farei se ela sair? As mentiras irão continuar e a

possibilidade dela fazer amigos será muito difícil. Uma vez sua mãe a deixou presa no quarto por uma semana. Ela chorava tanto que ela ficou com pena e a soltou ameaçando: Mais uma e você irá ficar lá para sempre. Mariana sabia que não ia parar, não tinha jeito. A mentira se tornou uma verdade para ela. Tudo aconteceu naquele acantonamento de verão. Foram no sítio Vera Cruz do pai de Alfredinho um lobinho da matilha marron. Ela sentiu que ninguém se aproximava dela. Chorou muito e foi sentar embaixo do abacateiro que estava carregado de abacates.

Foi então que ela viu um velhinho, barbas e bigodes brancos. Ele se apresentou a ela se dizendo chamar Gepeto. – Você não me conhece? Nunca leu as histórias que contaram sobre mim? Fui eu quem construiu Pinóquio, o boneco de madeira. Não sabia que a fada madrinha dele o transformou em um menino de verdade. Meu boneco criou vida. Eu claro fiquei feliz. Agora eu tinha um filho o que nunca tive. Pensava em fazer de Pinóquio um menino educado. O coloquei na escola mas Pinóquio fugiu e foi brincar no Teatro de Bonecos. Pinóquio me ignorou e ficou com o dono do Teatro e depois ele chorou tanto que o homem lhe deu umas moedas e o deixou partir. Ele voltando para casa encontrou dois ladrões. Mesmo que seu amigo o Grilo Falante desse conselhos, resolveu seguir com eles e foi roubado. Pinóquio ficou triste e resolveu voltar para casa e me obedecer. No caminho um pássaro que cantava me avisou que ele fugiu para o mar. Viu muitas crianças sorrindo que iriam para o país da Alegria. Pinóquio como hipnotizado por eles seguiu-os. Eles o transformaram em um burro.

Foi então que lhe deram a maldição do nariz grande. Disseram para ele: - Toda vez que contar uma mentira seu nariz vai crescer um pouquinho. Pinóquio tentava evitar contar mentiras, mas não tinha jeito. Seu nariz crescia e crescia. Ele chorava arrependido e jurava nunca mais contar uma mentira. Sua Fada Madrinha apareceu e desfez o encanto, mas avisou: - Toda vez que mentir seu nariz vai crescer. Pinóquio arrependido correu em busca de Gepeto que era eu. Quando chegar ao mar ele avistou o Grilo Falante e eu. Acontece que uma baleia pulou na areia e engoliu a todos nós. Lá dentro quando a baleia abriu a boca de novo eles fugiram. Chegando em casa a fada Madrinha recompensou a coragem de Pinóquio transformando-o num menino de verdade. Eu e Pinóquio fomos felizes para sempre e olhe ele nunca mais disse uma mentira.

Mariana acordou, pois ela estava dormindo. Mas achou que a história foi verdade e Gepeto lhe deu conselhos para nunca mais mentir. Ela sentia seu nariz vibrar, parecia estar está crescendo. Ela chorava, correu atrás da Akelá e jurou para ela que nunca mais iria dizer uma mentira. A Akelá não sabia da história, mas consolou Mariana e acreditou no que ela dizia. Daquele dia em diante Mariana nunca mais mentiu. Sempre quando pensava em dizer uma mentira seu nariz coçava e ela não dizia nada. Isto serviu de exemplo para toda a Alcateia. Ali a mentira nunca mais existiu, pudera quem queria ter um nariz grande que só crescia, crescia e crescia? E como em toda

história lembre-se – “Boi não é vaca, feijão não é arroz e quem quiser”... Que conte dois!

Esta é uma história baseada no conto de Carlo Collodi, autor de “As Aventuras de Pinóquio”.



O delicioso casamento do porquinho Markito, na Floresta Encantada do Seu Mathias.

Markito era amigo do Neném, que era amigo do Jofre, que era amigo do Leialdo, que era amigo do Natalino, que era amigo do Zefiraldo, que era amigo do Denis e que sempre foi amigo do Lelé e Geraldinho. Bem, só tinha uma diferença. Markito era um lindo porquinho rajado de cinza com branco. Os demais escoteiros da Patrulha Pica-Pau. Desculpem. Sei que não estão entendendo e vou explicar. A Patrulha Pica Pau era da Tropa Escoteira Santos Dumont e esta era do Grupo Escoteiro Leão do Norte. Eram muito amigos até o dia que apareceu Markito. Ninguém não deu nada por ele. Estavam em reunião e eis que aparece um porquinho pequeno, branco e cinza e melhor, limpinho. Parecia porco de cinema.

No cerimonial de bandeira ele ficou entre o Monitor da Pica-pau e o patrulheiro seis. Eles acharam graça e ninguém falou nada. Nem o Chefe da

tropa. Durante toda a reunião ele acompanhou a Patrulha. Quando foram para casa pensaram que nunca mais iam ver o porquinho. Engano. No sábado seguinte lá estava ele, e no próximo e no próximo. Sem perceberem ele virou um patrulheiro. Formava, quando davam o grito ele grunhia junto. Em pouco tempo se tornou uma celebridade na tropa. Onde morava como se alimentava ninguém nunca soube. Fizeram pesquisa na vizinha e nada.

Dois meses depois a tropa foi para um acampamento de quatro dias aproveitando um feriado de finados na fazenda do Seu Mathias. Na saída ao subir no ônibus lá estava o porco. Já o haviam apelidado de Markito. Disseram que ele parecia com um Sênior namorador do grupo e quando ele soube disto virou “bicho”. Brigou, berrou, levou o caso para O Conselho de Tropa, para a Corte de Honra e nada. O apelido do porco ficou. Markito deu um salto gigante. Bateram palmas para ele, mas subiu com elegância os degraus do ônibus. O acampamento foi uma festa. Markito era o máximo. No terceiro dia ele sumiu de manhã. Lá pelas três da tarde apareceu. Agora com uma companheira. Uma porquinha linda. Dizem que ele falou com o Denis, não acredito nisto, mas o Denis era um bom Escoteiro e não mentia nunca.

Chefe, disse o Denis. Markito quer casar. – Casar? O Chefe deu boas risadas. Ele quer que eu faça o casamento? – Sim Chefe. Se ele quer assim porque não? Diga a ele que amanhã no fogo do conselho eu irei celebrar ao casamento dele com a... Qual o nome dela? Fiorentina Chefe. Ele insiste que chamem o Seu Mathias. Ele será o padrinho. A tropa quando soube caiu na gargalhada. Foi o fogo do conselho mais gostoso que participaram. Em determinado momento o Chefe anunciou o casamento do porco Markito e a porca Fiorentina. Quando iam iniciar um fato inusitado. A arena do fogo se encheu de porcos, cavalos, bois, bezerros, galinhas, galos, cabras, gatos, cachorros e uma passarinhada enorme.

Não teve jeito. O casamento foi feito. Os escoteiros ficaram boquiabertos. A bicharada começou a cantar, a dançar e até uma Coruja com voz de anjo e acompanhada por um violão tocado pelo Urubu Rei engrandeceu aquele casamento histórico. O fato deveria ficar entre quatro paredes, mas não se sabe como na cidade de Bela Aurora uma semana depois se encheu de repórteres de todos os jornais e TV do país. Todos queriam conhecer Markito e Fiorentina. Mas eles? Sumiram. Procuraram em todo o lugar. Uma semana depois um jornal do Rio de Janeiro publicou que o casal foi visto em Búzios na praia das Caravelas se revezando na linda e tranquila praia da Tartaruga com suas águas transparentes.

Só dois meses depois quase no final da reunião, foi que Markito e Fiorentina apareceram na sede. Ele com a barriga bem grande e Markito sorria de felicidade. Contou para o Denis que não ia voltar mais para a Patrulha Pica-pau. Construíram uma casinha na Ladeira do Porco, próximo a fazenda do Senhor Mathias, e lá pretendiam viver suas vidas. Todos desejaram felicidades e assim termina a história do Porco Markito, sua esposa Fiorentina e seus

Filhos Newmar, Freed, Ronaldo, Pelé e um porquinho azulado, pequeno bem raquítico que poucos olhavam para ele. Maradona!

E acreditem se quiser. Eu conheci Markito e sua família. Mas eu sou um contador de histórias e poucos acreditam em mim. Risos. Para terminar, eu digo – Boi não é vaca, feijão não é arroz. E quem quiser que conte dois!



Ser Escoteiro é saber amar de coração aberto.

Olhe, vou lhe contar, se fosse em outra ocasião ou lugar eu tinha partido para a ignorância. Aquele Chefe merecia uns tabefes, ah! Se merecia. Afinal não adianta dizer – Vocês são escoteiros, mesmo sendo chefes tem uma promessa cumprir. Existe uma lei, uma norma de conduta! – Bonito isto, eu mesmo acho, mas o Chefe estava passando da conta. Fiz o que consegui fazer. Virei às costas e fui embora. Sempre me dizem que somos irmãos. Acho que são palavras e mais palavras. Por Deus chefe me deu vontade de sair do escotismo. A gente lê tantas palavras bonitas, uma filosofia que encanta e vem um “Zé Ninguém” e joga tudo por terra. - O pior chefe é que eu tenho o escotismo na mente, na alma e no coração e o Senhor sabe, assim é muito difícil, ou melhor, impossível continuar. Nem sei por que não saí logo.

- Mas o que houve? Perguntei. Estava boiando. Ele ali na minha frente, vermelho, abrindo o verbo contra alguém que pelo que já tinha ouvido devia ter aprontado poucas e boas com ele. Não tínhamos muita amizade a não ser um cumprimento ou um abraço fraternal. Sempre quando voltava do meu

trabalho, o ônibus da empresa me deixava no centro da cidade. Dava uma passada rápida no Escritório Regional e no caminho do ônibus do meu bairro não deixava de dar uma parada no Bar do Grilo. O melhor chope da cidade e uma empada de camarão sem igual. Sentei e logo ele sentou ao meu lado. Cumprimentos de praxe e ele soltou o que estava preso. Precisava desabafar. Sou bom ouvinte. Falo pouco. Deixo a própria pessoa achar sua conclusão. Muitas vezes isto não acontece e então dou meus pitacos.

- Pois é Chefe, continuou- Eu nunca fui com a cara dele. Parece saber de tudo mais que os outros. Ele era prepotente, só sabia dizer o meu grupo, os meus chefes, os meus Monitores, os meus lobinhos os meus escoteiros. Caramba Chefe parecia que ele era o dono de tudo. Um dia perguntei quanto custou tudo isto e se pagou a vista ou cartão de crédito. Foi um Deus nos acuda. A rusga vinha de longe. E olhe, ele não é único em nosso movimento. Sempre dou um “tropicão” em um ou outro igual a ele por aí. Nosso movimento tem cada tipo de tirar o chapéu. Quando eu sabia que ele estaria presente em alguma atividade eu evitava ir. Encontrar com ele seria o fim do mundo. Um “garganta” e que “garganta”. Dono da verdade. Só ele sabia. Era daqueles de dizer “a verdade dói”. Qual verdade? A dele? Um dia me perguntei: E se ele terminar sua Insígnia? E se ele for convidado para ser um Assistente distrital ou regional? – Até pensei nos pobres coitados que entram e ele passa a ser seu assessor pessoal. Chefe, juro, se isto vier a acontecer saio do escotismo na mesma hora!

Tudo piorou no ultimo encontro de chefes escoteiros do distrito no Grupo Escoteiro Vale do Amanhecer. O distrital queria discutir algumas atividades Inter tropas e eleger um Assistente Escoteiro. Reunião simples sem pompa. E não é que o Talzinho foi de uniforme? Todo cheio de si e colocou todas suas estrelas de atividades. 12 anos. Sim Chefe a figura tinha doze anos de movimento. Putz Chefe verdade! Este tempo todo e não aprendeu nada. Que reunião minha nossa! Só ele falava, só ele sabia, queria dar ordens, dizia o que tínhamos de fazer. Uns jovens da tropa dele já tinham reclamado. O “Moço” Chefe só sabia dizer: Suspenso por uma semana. Suspenso por três meses. Quem chegar atrasado vai pagar cem joelhos quebrados. Não quero ver sua cara mais aqui! Coitados dos jovens daquela tropa. Muitos amavam o escotismo e não queriam sair. Mas eram menos de dez participantes ativos, pois os demais já haviam desistido há tempos.

Já tinha terminado o meu chope e minhas duas empadas. Deliciosas. Não dava para escapulir. Queria chegar cedo em casa. – Escotismo! Ah! Escotismo o que você nos faz sofrer eim? – E ele nem desconfiou, nem pediu um chope, nada só falava e reclamava. – Pois é Chefe. Todos querendo dar sugestões e ele não deixava. Quando um começava ele pedia a palavra e mudava tudo. Não aguentei mais. Levantei-me e fui até ele: - Meu caro, só você é o dono da verdade? Só você conhece? Só você sabe? Fomos convidados para debater e não ouvir você com esta voz de jacaré azedo e seu estilo de Pavão empanado a falar e falar! – Chefe, foi à conta. Ele levantou

e veio para cima de mim. Preparei-me. Sabia que aquilo iria acontecer. Se encostasse a mão em mim ia receber o dele. Olhe, não sou lutador, mas ele ia ver quem eu sou!

- Mas Chefe, quer saber? Todo mundo queria que eu desse uns sopapos nele. Eu sabia que ninguém aguentava mais participar com ele presente. Quem sabe iria sair do escotismo e nós ficaríamos livres deste pamonha? – Mas não Chefe. Sabe o que aconteceu? Não vai acreditar ele levantou de um salto, foi bem em cima de mim, me ofereceu a mão esquerda, e me pediu desculpas. Desculpas Chefe! Isto mesmo! Não sabia o que falar, dizer e nem esconder minha cabeça naquela hora. Precisa de uma areia para cobrir tudo! Depois ele se dirigiu a todo mundo e pediu perdão. Prometeu que ia mudar. Jurou fazendo a saudação escoteira! E agora Chefe? E agora? Quase dez anos aturando sua soberba e seu estilo de mandão o que eu devo fazer?

- Dê tempo ao tempo. O tempo é nosso melhor amigo. Quem sabe você tem muito a dar ao escotismo e ele também? Um homem que chega ao ponto de pedir desculpa e perdão não merece mais uma oportunidade? Pedi desculpas a ele dizendo que a família me esperava. Nos demos as mãos, sempre alerta e ele para um lado e eu para outro. Pensei comigo. Acho que valeu a pena minha conversa a pedido do distrital com o talzinho dono de tudo. – Quer ser um dos nossos? É bem vindo! Quer ajudar os meninos? É bem vindo. Mas não me leve a mal, se alguém reclamar de você em uma reunião onde estiverem outros escotistas e este alguém perder as estribeiras com você, não tem perdão. Vou pedir para você sair. Se não vou tomar outras providencias!

Cochilei no ônibus. Cheguei a casa era mais de dez da noite. Celia me olhou de cara feia. Ela tinha razão. Disse para mim mesmo: se chegar a casa tarde mais uma vez vou pedir para você sair do escotismo, se não vou tomar outras providencias. Ah! Esta vida de comissário não é fácil. Mas cada um escolhe seu caminho e eu escolhi o meu! E cá prá nós, como é difícil no escotismo mudar certos comportamentos!



Uma estrela brilhante para Elizabeth.

**“Abro os olhos, não vi nada”. Fecho os olhos, já vi tudo.
O meu mundo é muito grande e tudo que penso acontece”.**

Eu sabia que eles não iriam demorar a chegar. Sempre foi uma festa quando adentravam naquela área gramada da Casa de Repouso. Vinham uma vez por mês sempre no segundo domingo. Houve alguns dias que não vieram. Eu sabia que estavam acampando ou excursionando. Quanto daria para estar com eles? É hoje só vivo de lembranças, mas não posso reclamar. Eu tive tudo que quis. As escolhas foram minhas e se tivesse de voltar no tempo eu faria a mesma coisa. Gosto até desta casa onde habitam amigos como eu. Muitos deles já foram para as estrelas e eu sei que um dia vou também. Enquanto isto não acontece eu olho na tela gigante que sempre existe em minha mente. Ela me alegra me traz a vida do meu passado. Quando a música que escolhi espalha melodia nas lindas cenas que revejo eu sei, eu tenho certeza que alcancei a felicidade que sempre sonhei. Os que vivem aqui não reclamam. Tem muitos que seus filhos e netos dificilmente aparecem. Eles não choram, nós estamos ao seu lado para embalar seus dias e suas noites e fazê-los sorrir.

**“Aquela nuvem lá em cima”? Eu estou lá, Ela sou eu.
“Ontem com aquele calor Eu subi, me condensei”.**

Nunca esqueci aquele dia – Papai, Mamãe, eu gostaria de ser Escoteira! Eles me olharam espantados, pois sabiam que eu me fechava em meu quarto, não recebia amigas e mesmo sem ser triste levava uma vida reclusa onde fora os dois não havia mais ninguém. Eu sabia que era adotada. Eles nunca me esconderam. Mas eu os amava e nunca me interessei em saber quem foram meus pais biológicos. – Vou levar você lá Elizabeth. Espero que vá

gostar e se dedicar como tudo que faz. Meu pai tinha mais de sessenta anos e minha mãe cinquenta e oito. Adotaram-me quando tinha oito meses. Eu não tinha o que reclamar. Eles me adoravam tanto que muitas vezes me senti sufocada de tanto amor. – Seja bem vinda Elizabeth! – Espero que goste de ser uma Escoteira e olhe, você tem duas escolhas aqui: - Gostar da vida ao ar livre e saber vencer as dificuldades! – Adorei a Chefe Altair. Adorei tudo que encontrei ali, o escotismo passou a ser minha vida e tudo que fazia ele estava presente em minha mente, junto de mim e no meu coração.

Os tempos foram passando, um dia me disseram que seria guia. Porque não? Para mim a mesma coisa. Fiz novas amigas e amigos, pois a tropa era mista. Um respeito enorme um pelo outro, pois isto o Chefe Jerônimo fazia questão. Fui em alguns Jamborees, fui em muitos acampamentos regionais. Mas o que gostava mesmo era meu acampamento de tropa. Ali eu podia jogar crescer e aprender com meus amigos de patrulha. Mas chegou o dia que me disseram que estourei a idade, teria de ser uma pioneira. Eu tentei, mas não me dei bem. Havia muitos que nunca foram Escoteiros quando jovem e a gente não falava o mesmo idioma. Conversei com o Chefe Jerônimo que assumiu a responsabilidade pelo grupo. – Porque você não vem ser Chefe? Uma assistente para começar. Irá fazer muitos cursos, conhecer pessoas novas e quem sabe um dia será uma Insígnia de Madeira?

“E, se o calor aumentar, choverá e cairéi”. Abro os olhos, vejo um mar, Fecho os olhos e já sei. “Aquela alga boiando, à procura de uma pedra”?

Porque não? Eu pensei. Foi outra maneira de ver o escotismo. À medida que aprendia que fazia cursos, que trocava ideias com Velhos Lobos eu já sabia que ali era meu lugar. Interessante que não encontrei minha cara metade. Acho que entreguei meu coração ao escotismo. Namorei mas nada significativo. Comecei a trabalhar em um Banco da cidade. Todos ali sabiam que eu era Escoteira, pois só falava nisto. Até meu Chefe o Senhor Rodolfo ria quando eu contava casos de acampamentos. Uma tarde recebi um telefonema urgente de uma vizinha – Seus pais foram internados. Os dois. Tiveram um principio de enfarte. Corri ao hospital. Uma semana depois eles partiram. Chorei muito, achei que tinha culpa, pois me entreguei tanto ao escotismo que me esqueci deles. Todos os domingos eu visitava seus jazigos. Orava, chorava e pedia perdão. Um dia uma luz forte parecia dizer: Seja feliz filha, um dia você vai vir morar conosco no céu!

“Eu estou lá, Ela sou eu”. Cansei do fundo do mar,
Subi, me desamparei. Quando a maré baixar, na areia secarei”,

Conheci milhares de Escoteiros e Escoteiras por este mundo que Deus me deu a felicidade de caminhar. Fiz centenas de amigos e quando recebi minha Insígnia recebi vários convites. Nunca aceitei nenhum. Eu tinha uma missão com os jovens e nunca iria abandoná-los. Minha casa vivia cheia deles. Eu os amava e eles me amavam. Quantos acampamentos fizemos? Quantas

atividades aventureiras? E aquela de sair por aí, sem eira nem beira na Montanha da Raposa cinzenta? Acampeei muito, fiz excursões incríveis, adquiri uma maturidade de campo invejável. Eu só me dedicava ao escotismo e nunca pensei em crescer no meu trabalho. Sabia que todos gostavam de mim como eu era. Nunca casei! Por quê? Até hoje eu não sei. E quando envelhecesse o que seria de mim? Quem iria orar por mim, ficar ao meu lado, me dar de comer, me fazer feliz? Não pensava nisto. Só pensava no meu amor Escoteiro que vivia no meu coração.

“Mais tarde em pó tomarei. Abro os olhos novamente
E vejo a grande montanha, Fecho os olhos e comento”:

Mas o tempo é implacável, eu envelheci. Aposentei-me. Sentia-me sozinha em casa e só no escotismo me sentia bem. Minhas meninas agora eram outras. Quantas passaram pela minha tropa? Um dia o Chefe Jerônimo me disse: - Elizabeth, não interprete mal minhas palavras, você já está com mais de setenta anos. Não pode viver sozinha assim. Porque não procurar uma Casa de Repouso? Visite, conheça, veja se é o que gostaria para morar. Lá você teria amigas para conversar, para cantar e divertir. Sua palavras me marcaram. Eu andava mal. E fiz a escolha certa. O bom de tudo era que minhas Escoteiras, meus amigos chefes sempre me visitavam. Nenhum domingo passava em branco. Eu adorava mesmo era o segundo domingo do mês. Minha primeira patrulha vinha em peso sem faltar ninguém. A gente ria, cantava, chorava e lembrava os velhos tempos dos bons acampamentos das noites geladas, dos fogos de conselho! Ah! Quantas saudades.

“Aquela pedra dormindo, parada dentro do tempo,
Recebendo sol e chuva, desmanchando-se ao vento?”

Elizabeth faleceu aos oitenta e oito anos vitima de falência múltipla de órgãos. Nunca aquela campa no alto da Colina da Lua viu tantos meninos, meninas, chefes e até líderes Escoteiros regionais, nacionais e do exterior. Quando o esquife desceu para sua morada nunca se viu tantos chorando. Mas Elizabeth, para quem podia ver estava sorrindo, estava com sua Mamãe e seu Papai que a abraçavam e em uma nuvem branca a levavam para uma estrela brilhante. Lá no firmamento onde seria sua nova morada!

Eu estou lá, Ela sou eu”.

O poema é de Adalgisa Nery.



Quando os destinos decidem o caminho a seguir.

Eles se conheceram no Grupo Escoteiro Montanhas da Lua. No início quase não se falavam. Paulo era um Chefe entusiasta, vivia na tropa como se fosse um dos meninos de patrulha. Todos o adoravam. Ele fazia questão de dar o exemplo. Mesmo solteiro era homem honrado e trabalhador. Muitas vezes acreditou nas palavras dos meninos e nunca negou a nenhuma patrulha que fizessem atividade sem a presença do Chefe. Ele aprendeu a confiar. Sabia que quando fizesse um jogo onde não se poderia ver não precisava de venda. Se o Escoteiro ou a Escoteira disse que podia confiar e se completasse dizendo a palavra de Escoteiro ele sabia que ali tinha honra, tinha lealdade, tinha palavra. Ele fazia questão de aplicar o sistema de patrulhas corretamente. Quando começou viu a tropa com poucos jovens. Seis meninas, sete Escoteiros. Em menos de um ano as patrulhas estavam completas. Ele adorava isto, fazer atividades Escoteiras com uma tropa bem preparada, onde podia se dizer que não havia amadores era muito bom.

Marlene nem sabia por que entrou para a Alcateia. Não conhecia ninguém. Um dia passou pela sede rumo à padaria do bairro. Viu olhou, entrou e gostou. Resolveu participar. Foi aceita, pois tinham poucos voluntários. A Alcateia cresceu, ela adorava os lobinhos. Entraram mais duas assistentes. Não conhecia o movimento e agora aprendia depressa. Notou a presença de Paulo na tropa. Ficaram amigos, mas só dentro do escotismo. Ele era simpático e educado. Nonato o Diretor Técnico um dia convidou a todos os chefes para passarem em sua casa, beberem um refrigerante, e comerem um churrasco. Sua esposa fazia aniversário. Não eram muitos, mas com a diretoria havia pelo menos uns quinze participantes. Marlene e Paulo sem perceber ficaram horas conversando. Descobriram que tinham muito em comum. O namoro teve efeito duradouro. O noivado não demorou. Casaram-se numa tarde de sábado na

igreja São Pedro com as bênçãos do Padre Wolflang. Um alemão abrazeirado que adorava os Escoteiros, pois foi um em Aldenhoven cidade em que nasceu na Alemanha.

Paulo amava Marlene que amava Paulo. Todos diziam que era difícil ter um casal assim. Iam para as reuniões de uniforme a pé de mãos dadas. A vizinhança adorava os dois. Quando Paulo pediu a Akelá para liberar Marlene para a tropa ouviu um susto, mas todos acharam que era direito. Afinal a Tropa Escoteira tinha dez meninas e só o Paulo como Chefe não era direito. Um belo dia Paulo chegou do trabalho e recebeu a notícia que sempre sonhou – Vamos ter um filho! Ele sorriu de orelha a orelha. Ser pai era seu sonho. Pediu para Marlene que não fizesse o exame para saber se seria menino ou menina. Ele gostaria de saber quando nascesse. Ela concordou. Todo mundo dizia que era menino e ou menina. Não havia unanimidade. Dizem que todo parto se culmina à noite ou de madrugada. Em Três Ranchos havia um pequeno posto de saúde com um médico. Ela fez o pré-natal em Valverde, oitenta quilômetros de estrada ruim e cheia de buracos. Ia lá duas vezes por mês. O Hospital Santa Cecília tinha boas condições para parto.

Nos meses de espera, não se preocuparam com nomes. – Quando chegar a hora vamos escolher dizia Paulo. Dito e feito, duas da manhã de terça começaram as contrações. Dona Epifania parteira achou melhor ir imediatamente para Valverde. Paulo preparou o mais que pôde seu fusquinha. Foram em quatro, ele Dona Epifania, José de Arimatéia seu vizinho e amigo. Nem saíram da cidade caiu um enorme temporal. Paulo dirigia devagar, preocupado e esperançoso. Sorria em pensar que poderia ser um menino. Devia ser bom ter um filho homem pensava. Marlene sonhava com uma menina, ela queria ter uma, pois em sua família só havia homens. O carro derrapou e bateu em uma árvore. Ninguém se machucou. Marlene viu suas contrações aumentarem. Dona Epifania disse que não dava para fazer o parto ali – “O menino tá virado Chefe”! Ela disse. Paulo fechou os olhos sem saber o que fazer. Ele era um Escoteiro, tinha iniciativa, mas e agora? O que fazer? O Fusca não ligava e ele não tinha ideia de como proceder.

Paulo começou a ficar desesperado. Rezava pedindo a Deus que não lhe tirasse seu filho e Marlene. José de Arimatéia disse que ele ia até a fazenda do Coronel Totonho. – Eu sei que ele tem uma charrete lonada. Vai me emprestar tenho certeza. Sumiu na trilha rumo à fazenda debaixo daquele mundaréu d’água. Duas horas depois chegou com a charrete. Ainda tinham mais de quarenta quilômetros a percorrer. A chuva caía aos borbotões. Marlene sofria, mas não dizia nada. Matinha um ténue sorriso e não reclamava dos solavancos da charrete na estrada. Menos de doze quilômetros para chegar e eis que a estrada estava fechada por um enorme barreira. Houve um desmoronamento. Não havia como passar. De novo José de Arimatéia pôs mãos à obra. Derrubou a cerca de arame farpado. Paulo o ajudou. Não foi fácil não tinham ferramentas. Uma hora depois e o dia clareando conseguiram

atravessar o pasto cheio d'água e muitas vezes com a charrete atolando. Às seis da manhã chegaram ao hospital e não havia médicos!

Paulo carregou Marlene no colo, pois ela parecia ter desmaiado. Pediu o telefone a atendente e ela se negou. José de Arimatéia pulou o balcão e deu o telefone para Paulo que ligou para Adalberto, um Chefe Escoteiro de lá. Às nove da manhã a rua do hospital estava cheia de Escoteiros. Faixas e cartazes diziam – Onde está o medico? Onde está a prestação de serviço do hospital de nossa cidade? Uma patrulha Senior foi até a casa do prefeito. Outra atrás do delegado. Dez e meia chegou um medico correndo. Onze e meia o parto foi realizado. Paulo nervoso não sabia o que fazer. Junto a ele o seu grande amigo que o salvou José de Arimatéia o abraçava. Dezenas de chefes da cidade dando a força que ele precisa. Um médico chegou com cara de quem não quer nada – Quem é o Senhor Paulo? – Sou eu, ele disse. Venha comigo, por favor. Precisamos conversar – Um silêncio enorme. Todos pensavam a mesma coisa. O pior aconteceu!

Um minuto depois Paulo entrou na recepção gritando. Nasceu! Nasceram gêmeos, um menino e uma menina, Marlene está sorrindo de felicidade! Os gêmeos foram batizados em maio na Igreja de São Pedro sob as bênçãos do Padre Wolflang. A história do nascimento dos gêmeos foi contada por muitos e muitos anos. José de Arimatéia foi padrinho dos dois, de Nany e Nando. Tem histórias de finais tristes e de finais felizes. Esta eu sei que a felicidade graças a Deus existiu. Uma viagem que acredito nenhuma jovem esperando um filho pode passar. Dizem que nos finais de todos os contos se diz que eles foram felizes para sempre. Foram mesmo. A família de Paulo e Marlene sempre foram o casal mais feliz de Três Ranchos. Pode haver outros, mas escoteiramente falando eles tinham o sorriso do tamanho do coração Escoteiro que possuíam.



Era uma vez... Um chapéu Escoteiro para Cimarron.

Era noite alta. Quem sabe já passava da meia noite. Não tínhamos relógio e os nossos cálculos nunca falhavam. Ali a beira da linha do trem de ferro permanecíamos em vigília. Ou melhor, em tocaia. Tocaiávamos um comboio qualquer que atravessasse a Ponte do Alemão. Um pontilhão enorme, mais de um quilômetro sobre o Rio Amarelo. Tininho olhou para Noka o Monitor. – Acho que vamos atrasar... – É respondeu Noka. Ele sempre falava pouco. Uma ou duas palavras e achava que tinha sido entendido. Lilico dormitava sem preocupar com um trem vindo ou indo. Ele sabia que não poderia atravessar o pontilhão antes que passasse algum trem. Se estivessem atravessando e a buzina tocasse, adeus. Não tinha como fugir ou escapar do comboio, seria morte certa. Toliar sorria com seu cabo trançado nas mãos. Sempre a fazer um ou outro nó. Era bom nisto. Quem sabe o Escoteiro que mais entendia de nós de marinheiro e Escoteiro. Délio Abelha dormia a sono solto. A patrulha do Morcego não tinha pata tenras e noviços. Todos experientes e cada um sabia o que fazer como fazer e a hora certa para fazer.

Lilico que todos achavam que dormia deitou com os ouvidos em um trilho da estrada de ferro. Está chegando! Falou. A patrulha se animou. Cada um pegou sua bicicleta a espera do comboio. Quem sabe era pequeno? Uma vez na Ponte do Cara Preta ficaram quase meia hora esperando o comboio passar. Mais de trezentos vagões e cinco locomotivas a dizel. Esperavam que não fosse o maior trem do mundo. Aquele de 330 vagões com mais de 3.500 metros de extensão. 40.000 toneladas de minério gemendo nos trilhos daquela ferrovia infernal. Na curva do Maribondo avistaram o farol. Potente! Iluminava tudo. O maquinista e o seu ajudante deviam estar sorrindo quando puxavam a potente buzina. A patrulha sorriu. Délio Abelha sabia que todos sonhavam um dia estar ali, naquelas máquinas infernais, levando minérios e outros bichos para países do além mar. O barulho das cinco locomotivas acopladas e os vagões foram infernais. Quinze minutos e o vagonete da última leva passou com seu lampião vermelho aceso.

Atravessaram o pontilhão com calma, nada de correrias. Prender uma perna era programa de índio. Do outro lado respiraram aliviados. Noka custou para falar – Acho melhor arrancar no campinho de futebol do Arraial do Lagarto. Esta hora todos estão dormindo e sairemos cedo para Serra do Roncador. Chegaremos lá antes das onze e a escoteirada ainda deve estar nos esperando! – Falou demais. Deu um suspiro e parou. Meia hora depois chegaram ao campinho. Vinte minutos depois estavam dormindo nas barracas de duas lonas que montaram. Lilico e os demais deixaram seus chapéus no toldo da barraca. Ali sempre ficaram retos sem dobras. O sol ia surgindo

quando todos levantaram. Hora de partir. Noka viu que o seu chapéu tinha desaparecido. Os demais ali estavam como os deixaram. Em volta viram umas vinte pessoas olhando. Eram moradores do Arraial. Noka olhou um por um e ninguém com seu chapéu. Um menino magrinho, raquítico gritou: - Foi Cimarron que levou!

Noka perguntou quem era o Capitão da Cidade. Em qualquer arraial sempre tinha um. – Procure o Madrepérola no centro. Ele já deve ter acordado, pois tem quatro vaquinhas leiteiras. Noka montou em sua bicicleta. Os demais fizeram o mesmo. O centro nada mais era que um descampado sem grama e empoeirado com várias casas de taipa em volta. Uma plaquinha dizia – Casa do Capitão. Eles bateram e a meninada riu. – Vá por trás. Ele está tirando leite! Todos deram boas gargalhadas. Os Escoteiros da Morcego não estavam rindo. Sabiam do valor do chapéu Escoteiro e como era difícil adquirir um. Viram atrás da casa de taipa um cercado. Abaixado estava o capitão a tirar leite. Noka com muita dificuldade explicou – De novo? Cimarron precisa aprender. Eu mesmo vou lhe dar uma lição! Foi junto com os Escoteiros a casa de Cimarron.

Sua mãe estava à porta com o chapéu de Noka. – Onde ele está dona Efigênia? No quarto Capitão. – Chame-o! Cimarron apareceu na porta chorando. – Seu choro eu conheço disse o Capitão. Em volta da casa mais de cem moradores. Para eles um espetáculo a parte. Ali no Arraial nada acontecia. Noka pegou seu chapéu. Olhou para Cimarron. Nunca na vida viu um menino tão magro e tão diferente de todos que conhecera naquele sertão brasileiro. – Cimarron chorava. Soluçando disse que sonhava em ser Escoteiro. Sabia que nunca seria ali no Arraial. Ali não tinha nada para fazer nem mesmo escola! – Noka o olhou melhor. Chamou Délio Abelha e o pediu para arvorar a bandeira nacional. Feito isto pegou na mão de Cimarron. Venha menino. Você vai ser Escoteiro! – Formaram uma ferradura pequena. O povo do arraial sem saber o que ia acontecer. – A bandeira em saudação! Gritou Noka. Pegou na mão de Cimarron ensinando. Firme! Descansar!

A patrulha ficou de sentido. Noka pediu para Cimarron levantar a mão direita. Ensinou a meia saudação Escoteira. – Repita comigo Cimarron! – Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para: - Cumprir meu dever para com Deus e minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à lei do Escoteiro! Sabe Cimarron, um Escoteiro não mente, um Escoteiro é leal, um Escoteiro respeita o que é do próximo. Agora você é um Escoteiro. Noka tirou seu lenço e o colocou em Cimarron. Depois pegou seu chapéu e o colocou em sua cabeça. Cimarron chorava, e como chorava. Seus olhos rasos d'água quase não abriam. O povo bateu palmas. – Alguém gritou! – Viva Cimarron! Ele é um Escoteiro! – Cada membro da patrulha Morcego o abraçou e o saudou. Arriaram a bandeira. Pegaram suas bicicletas e partiram. Muitos meninos ainda correndo atrás.

Pararam na subida da Onça Pintada. Noka desceu da bicicleta e olhou para trás. Cimarron chorava gritava para eles: - Obrigado irmãos! Obrigado. Prometo ser outro e ser honesto. Eu prometo pela minha honra que vocês um dia vão se orgulhar de mim! A patrulha montou em suas bicicletas e partiram na estrada que os levaria ao seu destino. Antes da curva da Coruja ainda ouviram ao longe a voz de Cimarron – Adeus amigos, adeus! Voltem um dia! Agora era encontrar uma Tropa Escoteira conforme o combinado. Ninguém dizia nada, cada patrulheiro sabia o Monitor que tinham. Um orgulho em pertencer àquela patrulha. Se Cimarron ia mudar ou não, não importava para eles. Uma boa ação foi feita. Agora dependia de um menino, perdido em um Arraial qualquer deste mundo de Deus buscar sua verdadeira identidade. A identidade de um verdadeiro Escoteiro. A patrulha virou a curva do morro da Coruja. Sumiram na estrada que os levaria ao destino programado. Todos acreditavam que Cimarron cumpriria sua promessa. Mesmo não sendo um deles por falta de oportunidade. Todos sabiam que agora ele conhecia a raça, a cortesia, o respeito e a fraternidade de uma patrulha Escoteira. Todos sabiam que um dia ele seria um Escoteiro sem tropa, sem patrulha, mas com um imenso amor para dar!



A passagem!

Havia muitos dias e muitas noites que Giovanna chorava. Ela não queria acreditar, pensava uma maneira de fugir e ficar ali para sempre na Alcateia. A Akelá, o Balu, a Bagueera sempre ao seu lado acalentando. – Chefe! Eu não quero sair daqui! – ela dizia. Eu quero ser lobinha para sempre. Não adianta me dizer que Mowgly um dia foi para a Alcateia dos homens, eu não sou Mowgly, eu

sou uma lobinha da Alcateia de Seeonee que ele um dia participou! Chefe! Ela repetia, eu não sou o Shery Khan, não sou um tigre manco covarde e nem sou o Tabaqui aquele que permuta a própria honra para sua proteção. Não sou covarde e nem adúladora! Um dia eu serei Hathi que se se fez respeitado pela sua experiência e sabedoria! – Nada, mas nada mesmo fazia Gigi mudar de ideia. Todos os chefes sabiam que ela tinha de passar para a tropa, sua idade e sua maturidade estavam chegando. Diversas vezes eles contaram as maravilhosas histórias de Mowgly, de Akelá o lobo cinzento forte e altaneiro. Do Baloo um urso pesado e grandalhão inofensivo, mas que era um amigão. De Bagheera a Pantera Negra de pelagem linda de seda. Astuta, intrépida, corajosa uma das poucas que compreendia bem Mowgly.

Não tinha jeito. Gigi se tornou uma menina amarga em casa, na escola e na Alcateia. Tudo porque tinha chegado sua hora. Todos sabiam que este dia haveria de acontecer. No seu íntimo ela achava que era Raksha uma loba valente e vigorosa que dava a vida pelos demais lobos. Contam nas alcateias que os meninos e meninas ao entrarem na Jângal não sabem o que os espera. Eles vão atrás apenas das belezas e aventuras que a floresta oferece. Quando chegam aprendem que ali tudo é organizado, que existe leis a cumprir protegem-se uns aos outros e sabem que na matilha o primo é um irmão mais velho que deve sempre ser consultado. Ela aprendeu que os erros acontecem na selva, e sabe também que todo erro será julgado, aconselhado ou se receberá uma punição, pois só assim a paz entre os lobos voltará a reinar. Tudo isto martelava a mente de Gigi. Ela lembrava como Naty chorou quando foi embora para a Alcateia dos homens. Ela chorou desde que foi obrigada a fazer a trilha. – Chefe! Ela contava, Naty me disse que não gostou da patrulha, não gostou dos Escoteiros!

A mãe de Gigi várias vezes procurou a Akelá para conversar. Ela sabia que um dia isto iria acontecer, as reuniões dos pais na Alcateia era uma gostosa vivência que fazia de todos eles lobos da Alcateia de Seeonee. Ela soube da história de Naty, pois Gigi lhe contou chorando. Chefe! Alguma coisa precisa ser feita. Quem sabe conversar melhor na tropa, tentar mostrar aos meninos e meninas que ali se encontravam que uma passagem significa muito. Gigi sabia que Tininho era para ela o Lobo Gris, seu melhor amigo na matilha verde. Sempre a avisava quando Shery Kaan estaria de volta. Era um irmão de verdade e ele sempre lhe disse isto. Eles eram um povo livre e na Alcateia a alegria reinava para todos sob a liderança de Akelá. Gigi adorava a Dança de Bagheera, a Dança de morte da Shery Khan: - ¶Mowgly está caçando, Mowgly está caçando, matou o Shery Khan, esfolou o come gado, Rá Rá Rá!¶ Ela adorava esta. Quando a Akela a escolhia para ser a líder e dizer melhor, melhor, melhor e melhor no Grande Uivo ela sabia que seria o dia mais alegre de sua vida.

Foi Kaa quem um dia contou o por que Mowgly foi embora para a Alcateia dos homens. Contou tão bonito que ela ficou impressionada. - Gigi, ela dizia um dia Mowgly se cansou. O que os lobos faziam ele achava infantil. Tudo

aquilo que para ele significava muito já não era como antes. Mesmo amando seus amigos ele se sentia do lado de fora da Jângal. Embora ele amasse seus amigos e os tivesse na mais alta consideração ele sabia que agora era importante para ele. Ele cresceu, viu na cidade dos homens um motivo para aprender a conviver e aprender como adulto uma nova vida. Sabe Gigi, o lobo ou a lobinha sabe que viveu e aprendeu os ensinamentos da selva. Mas agora crescido já tem maturidade para ver que precisa seguir adiante. A vida é assim, ela nos ensina a prosseguir sempre não podemos estacionar e pensar que aqui o vento sopra todos os dias com a mesma velocidade. Precisamos um dia ser o Mowgly, seguir com os outros para aprender a ser mais que um lobo. Se aqui na selva você se preparou, se amou seus irmãos se aprendeu a se defender do Shery Khan então chegou sua hora de partir. Isto nós chamamos de responsabilidade para com sua própria vida, a seguir as outras trilhas fora da floresta.

Gigi ouvia o Baloo e não chorava. Ela estava tentando entender. Ela olhou um pouco seu passado e viu que muitas das coisas que fazia era muito infantil. Quantas vezes pediu para a Akelá novos jogos, novas descobertas e até novos acampamentos mais fortes dormindo em barracas, subir em árvores, atravessar rios e tantas coisas que os lobinhos não faziam? Quando foi para casa Gigi conversou com sua mãe. Ela a abraçou e disse: - Olhe Gigi, você vai crescer, um dia vai-me dizer que precisa ter seu espaço, não vai mais querer morar aqui. Isto não vai significar que não me ama que não ama sua família. Vai chegar a hora de sair da sua segunda ou terceira floresta. Vai chegar a hora de você fazer nova passagem para sua vida adulta, para ter seu própria vida e o seu livre-arbítrio. No sábado Gigi disse para a Akelá que ela podia combinar com o Chefe Escoteiro sua trilha.

Naquele sábado ela estava preparada. A passagem foi linda e Gigi sabia que nunca mais iria esquecer aquele dia. Apertou a mão de cada lobo com um sorriso. Dizia para si própria que ia em busca de uma nova vida. Uma vida de descobertas para que ela pudesse assimilar mais seu crescimento interior. Todos fizeram a cadeia da fraternidade e uns poucos choraram. Ela não. Sabia que ia voltar sempre para estar um pouco junto deles. Quando vestiu seu uniforme de Escoteira Gigi sentiu orgulho e tristeza. Tristeza pequena por deixar o uniforme que amava, mas ela sabia que o novo ela o amaria também. Abraçou fortemente aos seus antigos chefes e se apresentou ao novo Chefe na tropa. Uma patrulha se aproximou e a convidou a dar o grito. Foi gostoso demais, foi formidável. Gigi agora sorria, Ela iria viver uma nova vida na cidade dos homens. Sabia que nunca desistiria de prosseguir a jornada que ela escolheu, ela sabia que tinha o escotismo na mente, junto dela e no seu coração Escoteiro!

“A Lei da Jângal vai lhe ensinar a dominar-se a ter segurança entre os amigos da Alcateia, e aprenderá que as Leis da Alcateia que um dia você não conhecia e agora aprendeu a amar para o seu próprio bem”.



A lobinha Dorothy e a Cigarra Azul do Lago Dourado. Lá, muito além do arco-íris.

Era apenas uma cigarra azul. Nunca ninguém ligou para ela. No mês que todas cantavam para arrumar um namorado, ela simplesmente se calava. Gostava de ficar no tronco da frondosa figueira próximo de sua morada no Lago Dourado do Arco-íris. Era o mês das flores, das abelhas procurando mel, dos beija-flores coloridos a procura do néctar para sobreviver. Suas amigas estavam espalhadas pelo bosque, cantando, pois este era o destino de todas. Era como se fosse na Jângal, na época da Embriagues da Primavera, onde todos ficavam contentes, corriam pelos campos sorriam e cantavam. Isto não acontecia com a Cigarra Azul. Não ela. Nunca foi feliz. Não sabia por que todas as cigarras eram cinza esverdeadas e ela azul. Não podia entender. Na brisa fresca da manhã, ouviu uma vozinha doce e suave a lhe dizer – Canta minha linda cigarra. Porque você não canta? A cigarra Azul olhou espantada. Viu uma menina vestida de azul, com um lenço verde e amarelo e um bonezinho azul sorrindo para ela. – Quem é você? Perguntou a Cigarra Azul – Eu? Eu sou a Dorothy, da matilha azul como você. Sou uma lobinha minha amiga Cigarra Azul. Ela ficou a pensar como podia conversar com aquela menininha tão magrinha, com uns olhos fundos e tristes, que mal conseguia ficar de pé.

- Eu não posso cantar! Respondeu. Porque não pode? – Porque sou azul e todas são cinza esverdeada. Sou diferente. Nunca terei uma família. Nunca serei ninguém! Dorothy pediu de novo, desta vez quase chorando: Cigarra Azul cante para mim. Prometo que cantarei com você. Irei aprender a letra e a melodia e ambas cantaremos juntas. A cigarra ficou pensando porque aquela menina insistia tanto para ela cantar. Dorothy então disse a ela – Sabe Cigarra Azul, eu também estou muito triste. Eu tenho uma doença que me

acompanha desde que nasci. Meus pulmões sempre me dão falta de ar, tenho dificuldades para respirar e sinto um aperto no peito e tenho tosse. Sou lobinha, mas sou uma lobinha triste. Quero brincar e correr como todo mundo, mas a minha Aquelá não deixa. Diz que não posso ficar no sol, à noite não posso ver o céu, e nem ver o amanhecer do dia, pois não posso também pegar o orvalho que cai. Veja! Ando sempre com esta bombinha. Ela me dá certo alívio.

A Cigarra Azul ficou triste mais ainda. Viu que a menina dos olhos cinzentos era mais triste que ela. Resolveu cantar e sorriu para a Dorothy. - Você sabe cantar música Muito além do arco-íris? Não sei, respondeu Dorothy. Mas cante que vou aprender. A Cigarra Azul tinha uma linda voz. Encantou logo a menina Dorothy. Assim ela começou:

- ¶Além do arco-íris, pode ser que alguém, veja em meus olhos, o que eu não posso ver. - Além do arco-íris, só eu sei que o amor poderá me dar tudo que eu sonhei...¶

Nesta hora Cigarra Azul parou de cantar. Sentiu que uma pedra atingira suas asinhas. Caiu no chão desmaiada. Dorothy não podia acreditar. Olhou e viu Pedrinho um lobinho com várias pedras na mão. Chorou e gritou com ele – Você matou a Cigarra Azul! Pedrinho ria. A Aquelá veio correndo e viu o que aconteceu. Durante toda o Acantonamento Dorothy chorou. Não se conformava. No dia seguinte após o cerimonial de bandeira, Dorothy deu mais ultima olhada para o tronco da figueira. Sabia que não ia ver nada, não custava olhar. Pedrinho a procurou chorando. Pedindo desculpas, pedindo perdão. Dorothy não sabia o que dizer. Afinal ele matou a Cigarra Azul! E então, surgindo no final do bosque eis que surge ela, a linda Cigarra azul, acompanhada de outra cigarra verde garrafa.

A lobinha Dorothy não cabia em si de contente. Ria, e até começou a cantar. A Cigarra Azul sorria. – Dorothy, a cigarra dizia – Este é meu namorado. Ele me socorreu. Levou-me até onde esta o Arco-íris. O homem que mora lá, um velhinho de asas azuis me colocou as asas de volta. Agora estou feliz. A Aquelá chamou todos para embarcar. Dorothy não queria ir. Vá – disse a Cigarra Azul. Volte no ano que vem. Estarei aqui para cantamos e sorrirmos muito. Quando chegou a sua casa, contou tudo para sua mãe e seu pai. Eles sorriram. Viram que ela tinha mudado. Já não usava a “bombinha”. Achavam que Deus lhe deram um presente. A saúde de Dorothy.

A noite de domingo seu pai disse que tinha alugado um filme para ela. Um lindo filme que ele tinha assistido quando criança. O Mágico de Óz. Era o filme mais lindo que ela tinha assistido. A menina também se chamava Dorothy e a musica era igualzinha a que a Cigarra Azul cantou para ela:

¶- Um dia a estrela vai brilhar, e o sonho vai virar realidade.
- E leve o tempo que levar, eu sei que eu encontrarei a felicidade,

- Além do arco-íris, um lugar que eu guardo em segredo e,
Que só eu sei chegar...
- Me fez ver que o amor dos meus sonhos tinha de ser você...¶

Todos os anos Dorothy ia sempre acantonar com sua Alcatéia no Lago Dourado. Lá ela encontrava a Cigarra Azul, seu namorado e agora eles tinham quatro filhos, duas lindas Cigarras verde garrafa e duas outras lindas cigarras azuis! Ei! Deixe-me contar. Pedrinho chorou tanto que se arrependeu. Transformou-se no mais disciplinado lobinho da Alcatéia. E assim termina a lenda e quem sabe a real história de Dorothy e a Cigarra Azul que morava lá, no Lago Dourado muito além do Arco-íris.



Açu Pintassilgo, o Jacaré chorão do Lago Ness.

(um conto para lobinhos)

Ele não era um jacaré comum. Nunca foi. Não se enturmava. Morava na beira do Lago Ness. Não saía dali para nada a não ser um mergulho ou outro. Achou próximo aos coqueiros uma enorme pedra. Seu local preferido. Metade da pedra afundava na água escura e ele ali ficava o dia inteiro. Metade fora d'água e a outra dentro d'água. Seus pais disseram que ele era um legítimo Jacaré-Açu, uma linhagem de muitos e muitos anos. Açu Pintassilgo nunca se importou com isto. Um dia um Escoteiro sentou ao seu lado e conversa vai

conversa vem ele disse – Açu Pintassilgo, você sabe o que significa Jacaré para os homens? Dizem que seu nome deriva dos tupi-guaranis, lakaré ou Yacaré, aquele do olho torto, encurvado e que vê pelos lados. Açu Pintassilgo não achou graça. Olhou para o Escoteiro e disse: E daí? Eu tenho orgulho da minha linhagem. Tanto orgulho que aprendi a ser amigo de todos. Você me conhece bem, sempre fui um cavalheiro com todos os Escoteiros e escoteiras.

O Escoteiro não disse mais nada. Poderia ter dito que ele era o maior chorão do Lago Ness. Poderia ter dito que ele era motivo de piada para todos na patrulha. Poderia ter dito que nos fogos de conselhos era falar nele e todos morriam de rir. Mas o Escoteiro era leal. Não ia desfazer do Açu Pintassilgo. Isto não. Só que nenhum Escoteiro sabia que lágrimas de jacarés são falsas. Conta uma lenda que seus bisavós os crocodilos quando iam comer uma presa, eles engoliam sem mastigar. Assis para abrir a mandíbula ele precisava comprimir a glândula lacrimal e elas abertas começavam a lacrimejar. As lágrimas lubrificam o olho. Mas Açu Pintassilgo gostava de ver os outros dizer que ele era um Jacaré Chorão.

Não tenho certeza, mas acredito que foi no verão passado que apareceu nadando uma linda Jacaré. Açu Pintassilgo apaixonou só de olhar. Amor à primeira vista. Naná Verdes Mares olhou Açu Pintassilgo e nem prestou atenção. Foi nadando e ao passar por ele deu um sorrisinho maroto. Açu Pintassilgo pulou na água e quando a procurou viu que ela sumiu. Agora Açu chorava mesmo. Perdeu seu amor e não sabia como fazer. O Escoteiro a tarde apareceu e ouviu sua história. Deixe comigo Açu, você sabe, vou espalhar aos quatros ventos do Lago Ness. Vamos encontrar sua amada custe e o que custar. Dizem que quem tem boca vai a Roma. Sei não. Meu fogão tem quatro bocas e nunca saiu da cozinha. Risos. Durante cinco dias os Escoteiros rodaram céus e terra atrás da amada de Açu Pintassilgo. Até duas patrulhas de Escoteiros do Mar vieram ajudar com seus botes.

Foi uma luta, mas como os Escoteiros não desistem fácil eles encontraram Nana Verdes Mares tomando sol na Praia do Paco-Paco. Orelhudo era um Escoteiro calmo. Sabia conversar e nunca perdia a “fleuma”. Chegou devagar onde estava Nana Verdes Mares. Ela com seu olhar sonhador fixou Orelhudo e pensou – Que diabos este Escoteiro quer de mim? – Orelhudo não se fez de rogado. Contou tudo devagar, elogiando Açu Pintassilgo, dizendo que era um ótimo partido e ela seria feliz com ele para sempre. Nana Verdes Mares riu. – Olhe Orelhudo, eu já tenho namorado. Ele passa luas e luas sem me procurar e assim fica difícil para começar tudo de novo com outro. Você sabe que as femeas jacarés são as mais fieis que existem entre os repteis. Se vocês acham que podem ajudar procurem Dente Grande o meu amado e digam para ele o que pretendem. – Orelhudo pensou e pensou. Agora a barra pesou. Se o cara-jacaré tem dente grande o melhor é saltar de banda.

Orelhudo contou para a tropa o que aconteceu. Infelizmente Açu Pintassilgo ficaria solteiro por muito tempo. Neneco Risadinha deu uma

opinião. Somos vinte e oito e o tal de Dente Grande é só um. Quem sabe poderemos chamá-lo e fazer um acordo? Assim era Neneco Risadinha e logo contou mais uma de suas piadas – Amigos! Porque o Jacaré tirou o jacarezinho da escola? E rindo respondeu – Porque ele “réptil” de ano. E riu a valer. A tropa de Escoteiros percorreu todos os cantos do Lago Ness e deixou um aviso para Dente Grande. – Cinco Jacarés vindo do Japão estavam à procura dele. Souberam que ele era valentão e precisavam de um Jacaré durão para uma luta de Sumô de vida ou morte. Quando Dente Grande soube disto atravessou dois continentes até o Japão. Lutar era com ele. Mas um navio pesqueiro japonês o viu e o confundiu com uma orca negra. Dito e feito. Dente Grande foi pescado e dizem que hoje é o prato mais delicioso nos restaurantes japoneses. Eles acharam o Sushi de jacaré o melhor do mundo.

Agora Nana Verdes Mares estava livre. Açü Pintassilgo deitou a correr sobre as águas do lago Ness até onde ela estava. Fez à corte, ela aceitou. Casaram-se e no dia do casamento Toda a Tropa Escoteira presente. Milhares e milhares de peixes, jacarés, crocodilos e centenas de passados enormes. Palmas, foguetes e a festa durou uma semana. Até o Monstro do Lago Ness esteve presente. Bonachão ria a valer das piadas de Neneco Risadinha. A que ele mais gostou foi a do peixe que estava nadando no mar e de repente veio uma onda tão forte que ele morreu afogado! E o monstro do Lago Ness riu a valer e riu mais quando Risadinha contou que conheceu uma loira e ela estava brava, muito brava com um peixe. De repente ela berrou para o peixe – Seu peixe desgraçado! Você vai ver! Vou afogar você!

Bem apenas uma lenda e não dizem que lenda é lenda? Mas me contaram que enquanto durou o casamento de Açü Pintassilgo com Nana Verdes Mares, o lago Ness ficou infestado de jacarezinhos. E por muitos e muitos anos os dois viveram felizes para sempre!



Lindos e velhos tempos!

Passava das onze da noite. Ali em volta do fogo alguns monitores e Leopardo um Chefe amigo me fazia companhia naquela noite na floresta do Ouro Negro. Ele aceitou meu convite para acampar. Sua tropa estava em férias e porque não estar ali como agora? O fogo crepitava leve. Pequeno, algumas achas e ao lado o bule de café. Navegador um Monitor mais antigo com uma pequena vara remexia as brasas da fogueira. Eu olhava como hipnotizado para as fagulhas que subiam aos céus e sumindo entre as árvores da floresta. Joshua parecia dormir sentado no tronco, mas eu sabia que ele via tudo. Eu o conhecia de longa data. Mocinho já tinha ido dormir. Estava cansado e merecia o descanso da noite. Zé Lovênio Monitor da Águia me olhava como a pedir para continuar a história que contava. Nem sei por que contei aquela história. Quando me lembrava dela meu coração parecia chorar de lembranças que eu não queria recordar. Às vezes eu penso que um fogo aceso em uma clareira em algum lugar perdido na floresta que acreditamos ser encantada, um céu estrelado sem luar seria o introito para lembranças. Porque fui contar aquela história? Dizem que a sabedoria dos velhos é um grande engano. Eles não se tornam mais sábios, mas sim mais prudentes... Ou não?

Não havia como fugir. Minha voz rouca começou novamente a narrar à história do Chefe Dakota. Ah Chefe Dakota! Minha mente voltou novamente ao passado. – Eu não sabia por que estava ali, na rua de alguém que não queria lembrar. Se quiserem saber eu passei em frente a sua casa sem perceber. Desbotada, um verde que ainda permanecia vivo, mas sem as cores de outrora. Quanto tempo estive ali? Nem me lembrava. Senti-me culpado. O jardim ainda era bem cuidado, sinal que ele não esqueceu seu amor pelas flores. Olhei de soslaio se havia alguém na janela. Não vi ninguém. Pensei em passar como quem passa pela vida sem olhar... Sem notar se estava pisando em flores para fugir de um passado que preferia não lembrar. Mas eu não seria o culpado? Não fui eu quem provocou sua saída do movimento? Acho que não. Tudo foi obra do ocaso. Se pudesse se Deus me concedesse está dádiva daria minha vida para voltar atrás. Estaria ainda vivo? Tudo aconteceu quando eu tinha desesseis anos e ele já com seus cinquenta e poucos.

Num ato sem esperar subi os quatro degraus que levava a varanda de sua casa. Por quê? Para zombar dele de um passado que eu queria esquecer? Ele merecia? Mas eu insistia na minha cisma de tentar ver se ainda estava vivo. Quem sabe poderia pedir perdão? Dizer para ele que eu era menino, sem pensar no que fazia, e se tivesse me mantido calado tudo seria diferente. Dizem que os velhos acreditam em tudo, as pessoas de meia idade suspeitam de tudo, os jovens sabem tudo. Bati leve na porta. Ninguém. Bati novamente e uma voz miúda quase sumida tentou dizer: - Entre! – Entrei. A sala não mudou. A poltrona de couro marrom lá estava como sempre. Tentei através da luz opaca encontrá-lo. Aqui! Ele falou. Olhei pra perto da janela. Era ele sem sombra de dúvida. Velho, alquebrado, em uma cadeira de rodas com uma manta vermelha

e azul em cima das pernas. – Bem vindo Apoema! Saudades de você! – Incrível. Ele lembrava do meu nome! Bem o que fiz não se esquece jamais. Olhei melhor para ele. Rosto fino, magro, olhos fundos que não conseguia saber a cor. Pelos meus cálculos já devia estar com mais de noventa anos!

Fiquei sem voz. Não sabia o que dizer. A solidão é o preço que temos de pagar por termos nascido neste período moderno, tão cheio de liberdade, de independência e do nosso próprio egoísmo. Olhei para ele com os olhos rasos d'água. Ajoelhei-me em frente sua cadeira de rodas – Perdão Chefe Dakota! Perdão! Tantos anos deixei passar para dizer que me arrependo profundamente do que fiz! – Ele sorriu levemente. Falou baixinho quase sussurrando – Apoema, a juventude muitas vezes diz coisas que não quer dizer. Olhe comentam por aí que a sabedoria dos velhos é um grande engano. Eles não se tornam mais sábios, mas sim mais prudentes. Hoje eu compreendo você. Sei o que pensou. O errado sou eu! Minha mente correu no passado e tudo veio como se estivesse lá, agora fazendo o que fiz. Eu sabia que durante a adolescência, é vital repartir nossas experiências com pessoas que pensem como nós e que tenham o mesmo pique: é importante sentir-se incluído num grupo, de pertencer a uma turma. Perde-se, no entanto, o convívio com pessoas de outras idades e de outros "planetas", que muito poderiam lapidar a nossa visão de mundo.

Claro, eu era outro. Mas pensei que ele queria me fazer mal. Entendi errado. Conte para os outros chefes minha visão do que pensei. O acusei de ser quem não era. Tudo porque ele docemente estava com as mãos em meu ombro e por causa de uma serpente sua mão correu minhas costas empurrando. Pensei que ele queria o que eu não era. Corri dali gritando. Ele tentou se defender e eu não o deixei continuar. Foi excluído do Grupo Escoteiro. Minha palavra de menino irresponsável valeu mais que a dele, um Chefe de caráter. Ele vendo as acusações resolveu sair. Deixou-nos órfãos de Chefe. Tudo por que eu o acusei injustamente. Entre iguais, tudo é igual. A vida ganha movimento é na diferença. Se você é rato de biblioteca, iria se divertir ouvindo as histórias contadas por um aventureiro experiente. Se você tem muita grana, ficaria surpreso em saber como dá duro o cara que trabalha de dia para poder estudar à noite e o quanto ele precisa economizar para tomar dois chopes no sábado. Se você é Escoteiro seria bacana que pudesse entendê-lo compreendê-lo, conversar com quem sabe o que faz.

O fogo se apagava querendo dizer que estava na hora de deixá-lo ao sabor do vento da floresta. Ninguém mais colocou uma acha para ele iluminar a clareira onde seis jovens e dois chefes pudessem curtir um conto que não era conto. Era mais quem sabe um desejo de se redimir, de pedir perdão, de arrependimento por um ato infantil de um jovem Escoteiro que sonhava e seu coração ficou doído por muitos e muitos anos. Lovênio levantou e nos disse boa noite e sempre alerta. Navegador o seguiu de cabeça baixa. Joshua me olhou, foi até a mim e me abraçou. Leopardo ficou em pé, a sombra da noite o apanhou de jeito. Parecia um gigante perdido na floresta das lembranças. Eu

também o abracei. – Ele balançou a cabeça e disse baixinho. Pois é meu amigo Chefe, a saudade aperta... O futuro acorda, mas há coisas que a mágoa não afoga bons e maus velhos tempos em que a vida era um rascunho onde você anotava pedaços do destino. Antes éramos um só... Todos juntos num só caminho... À descoberta da existência de um movimento que até hoje deixa marcas profundas em todos nós...

“Fui dormir como quem não queria nada, mas sabia que todo caminho tinha lembranças e se eu não as encontrasse, minha jornada, meus caminhos não tinham razão de ser”.

Hoje lembro com saudades dos tempos que se foram. O tempo passa tão depressa que nem notamos a poeira que as nuvens deixam em seu caminho. Uma história triste, um perdão difícil de dizer. Mas tem aqueles que sabem perdoar e sorrir!



A incrível paixão de Lourenço Malenkaia.

Ele era o Escoteiro mais querido no Grupo Escoteiro Mar de Espanha. Era admirado e todos sabiam dos seus feitos nos grandes acampamentos e nas jornadas intermináveis que fazia e deixava saudades por aqueles que tiveram a honra de participar com ele. Estou falando de Lourenço

Malenkaia. Não foi da minha Patrulha, era da Leão. Mas ser seu amigo era motivo de orgulho. Alto, magro, cabelos louros encaracolados e sempre com um sorriso nos lábios, Lourenço Malenkaia sabia como fazer amigos. Com quinze anos pediu ao Chefe se podia ficar até os dezesseis. Queria terminar sua Primeira Classe com chave de ouro. Pediu e o Chefe aceitou que fizesse a jornada sozinho. Queria ficar três dias, só ele, uma faca, um facão, uma manta, sal e óleo e mais nada. Seria seu desafio. Precisava provar a si mesmo que sobreviveria. As outras patrulhas assustaram. Como? – Isto é possível? De Lourenço Malenkaia nada era impossível.

Partiu sozinho em uma sexta pela manhã, garboso um sorriso enorme, atraindo olhares rumo a Mata do Roncador. Todos o olharam com orgulho. Mochila nas costas, um bastão a tiracolo e cantando “Avançam as Patrulhas” em marcha de estrada lá foi ele rumo à trilha do Cardim para atravessar o Rio Jambreiro na parte alta da fazenda Santa Cecília. Todos escoteiros ficaram ansiosos com sua volta. Era um fato inédito. Uma jornada sozinho? Nunca aconteceu. No domingo a tarde ele apareceu na curva do Urubu Rei, próximo à porteira do seu Nonato. Cantando, sorrindo, chapéu jogado para trás, mechas de cabelos louros caindo na testa uma passada que dava inveja lá foi ele para a sede onde se apresentou ao Chefe Jessé garbosamente – Pronto Chefe! Jornada realizada. Para dizer a verdade e pelo que eu saiba ninguém mais repetiu o feito de Lourenço Malenkaia. Dizem eu não sei bem que até hoje a Patrulha Leão é procurada por muitos para ler no Livro de Ata tudo que Lourenço Malenkaia fez e ali foi escrito.

Lourenço Malenkaia era filho do médico Doutor Arthur Malenkaia e de Dona Arminda Malenkaia, que trabalhava no Escritório do Advogado Pedreira. Não era um aluno brilhante, mas no Colégio Dom Pedro era muito querido. Eu e Lourenço Malenkaia não éramos íntimos. Nunca fomos. Até hoje não entendi porque ele me procurou naquela manhã de domingo. Pelo que me constava devia ter ido com sua Patrulha acampar nas margens do Rio Barão Vermelho em um acampamento de cinco dias. Eram férias de julho. Como meu pai adoecera e precisava de mim para abrir sua sapataria, fiquei em casa e não fui acampar. Ele adentrou na sapataria com os olhos tristes e chorosos. Eu estava sozinho engraxando alguns pares de sapato, que me daria uns trocados e o seu Sempre Alerta foi dado sem nenhuma alegria.

Preciso falar com você – disse. Fiquei calado. – Você conhece a Dorita Valverde? – Assustei. Claro que sim eu disse. – Estou perdidamente apaixonado por ela, disse de supetão. Não sei o que fazer de minha vida. – Falar o que? Dorita Valverde não era a moça mais linda da cidade. Muito conhecida, era o dodói da garotada sedenta de amor. Sua fama de namoradeira e outras “cositas más” corria longe. Muitos diziam que era a única que deixava beijar com beijos de “língua”. Eu mesmo nem sabia o que era isto. Famosa na cidade principalmente pelos filhos dos bem aquinhoados. Vi que Lourenço Malenkaia estava de cabeça baixa. Soluçava. – Não sei o que fazer! Não quero conselhos. Acho que estou louco. Nunca pensei em ficar assim.

Amor para mim sempre foi uma bobagem que em escoteiros como nós nunca vai e não pode acontecer. Quer saber? – Se amar pode nos deixar loucos então estou louco. – Deus do céu! O que estava acontecendo com Lourenço Malenkaia?

Eu sempre fui bom ouvinte. Ficamos horas debaixo da aroeira frondosa da Praça São Joaquim jogando conversa fora naquela noite. Nada demovia seu intento. Disse que ela o beijou sem ele esperar no muro atrás do Colégio das Irmãs Caritas. – Fui pego de surpresa – Mas que beijo! Senti sua língua na minha boca. Sensação incrível! Nunca imaginei que isto pudesse acontecer. Não sei meu amigo, acredite virei seu escravo na hora! – Porque não procura o Chefe? Falei. – Não, ele não vai me ajudar. Vai ficar falando, falando dando conselhos e acho que ele nem sabe o que é um amor de verdade. – Mas você só tem dezesseis anos! – Ainda nem sabe o que é a vida! – Sei sim disse, sei que agora minha paixão por ela é única. Sei ainda que ela ri de mim, fala de mim como se fosse um bobão, mas eu sei que a amo. Meu amor é a essência de minha alma. Nunca vou deixar de amar Dorita Valverde.

Verdade que não podia aconselhar Lourenço Malenkaia. Não tinha namorada firme, e acho que era até um pouco inocente destas coisas. Beijo? Nem pensar. De língua então me assustava. Olhe, tudo complicou na vida de Lourenço Malenkaia. Seu pai o deixou preso em casa. Não quis estudar mais. Um desastre na família. O tempo foi passando. Lourenço Malenkaia foi definhando. Cresceu mas era um trapo de homem. Quem viu aquele belo Escoteiro não acreditava no que via agora. Soube que o internaram no famoso Hospício de Barbacena. Hoje considerado um padrão no histórico centro Hospitalar Psiquiátrico um dos melhores do Brasil. Tantas coisas aconteceram em minha vida que Lourenço Malenkaia foi como uma página virada que não mais me dizia respeito. Já tinha lido romances sobre grandes amores, mas o de Lourenço Malenkaia e Dorita Valverde não tinha igual. Muitos anos depois estava em Capistrano Ferreira onde tentava vender uma colheitadeira para o fazendeiro Don Antonio Leismael. À noite, cidade pequena, sem cinema, sem TV fui tomar uma cervejinha gelada no “Vale das Flores”. Eu estava com trinta e dois anos e claro, casado, ali só uma fugidinha e mais nada. Entrei na Boate da Rosinha. Até estranhei o luxo. Sentei em uma mesa do canto e logo uma morena linda me rodeou. “Minina” eu disse, só uma cerveja, não me leve a mal, mas sem companhia.

Bebericava calmamente ouvindo o barulho do Xaxado tocando por uma bandinha e eis que aparece nada mais nada menos que Lourenço Malenkaia! Em pé me olhou e disse: - Vado! O Escoteiro engraxate da Patrulha Lobo? – Sorri. Eu mesmo Lourenço Malenkaia. Nunca pensei em encontrá-lo ainda mais aqui. Ele sentou. Sorrindo me contou em poucas palavras sua vida. – Olhe meu amigo, ando sempre atrás dela, você sabe que sempre amei Dorita Valverde. Não conheço nenhuma outra razão para amar assim. Nunca a deixei. Sou até hoje seu escravo. Dizem meu amigo que o amor é como o vento. Não podemos ver, mas podemos sentir. Internaram-me em Barbacena. Fugi de lá.

Vaguei por terras desconhecidas e ao chegar aqui encontrei de novo minha amada.

Ela é dona desta boate. Pouco liga para mim. De vez em quando me dá um pouco de seu carinho. Aprendi a aceitar as migalhas que ela me dá. Sou louco mesmo. Louco de amor. Fiz da minha vida um sonho imperfeito. Só vivo a me arrastar por esta mulher. Se amar é um afeto, uma ilusão eu a amo demais. Uma loucura todos dizem, mas sou louco mesmo meu amigo. Ele sorria docemente. Pediu um guaraná. Uma mulher meio gorducha, toda “embonecada”, mas com feições belas se aproximou. Deu para reconhecer. Era Dorita Valverde. Deu um beijo na testa de Lourenço Malenkaia. E lá se foi entre as dezenas de clientes da boate que pediam sua companhia. Nem me olhou. Claro não me conhecia - E o escotismo? Perguntei. - Nunca mais. Era um amor que tinha no peito e foi substituído por esta paixão avassaladora. Não disse mais nada. Tomei o último copo e parti. Nunca mais o vi. Vida é vida, história é história. Destino é destino. Escolhas são escolhas e o livro arbítrio de cada um não pode ser alterado ou ignorado.

O sonho de um menino Escoteiro fugiu em uma nuvem que se espalhou no céu. Não dá para segurar a brisa e o orvalho da manhã. O melhor é esperar o vermelho do sol nascente. Ele pode trazer alegrias para uns e tristezas para outros. São recordações que sumiram como o vento forte que pegou de jeito uma Patrulha em uma ravina qualquer. Nem deu tempo de alertar para fincar os chapéus. Afinal escoteiros também amam? Amor é uma palavra que poucos ainda souberam explicar com exatidão. Mas a felicidade não é a minha. A felicidade é a de quem achou um dia ter encontrado uma razão para viver. Lourenço Malenkaia e Dorita Valverde encontraram seu verdadeiro amor. Diferente do que muitos acham que vale a pena. Que eles sejam felizes para sempre!



Como é difícil dizer adeus!

A tarde chegou e já partiu. A noite agora é minha companheira inseparável. Aqui sentado em minha varanda me lembrei dele. Porque não sei. Chamava-se Antonio Trevisan, mas o apelido dele era Bocalarga. Nunca soube o porquê do apelido, pois ele não tinha uma boca grande. Quem pôs o apelido nele saiu do grupo e foi embora da cidade. Era uma espécie de norma ter um apelido. Chamavam-me de Vado, Pescoço ou Valente. Valente eu nunca fui, pois o medo sempre foi meu companheiro por toda a minha vida. Ele sempre chegava à sede sorrindo. Que belo sorriso. Era olhar para ele e a gente se sentia bem e logo estava sorrindo como ele. Um bálsamo para a tropa. Nos fogos de conselho bastava ele olhar para todos e sorrir e logo a tropa estava gargalhando. Ninguém nunca o viu triste. Seu rosto não demonstrava. Se precisasse de alguém que fazia questão do oitavo artigo da lei, Bocalarga seria ele. Um dia ele me contou que seu rosto era assim desde que nasceu, mas ele chorava e sofria muito com isto. Não dava para mudar sua expressão.

Lembro que ele um dia me procurou sorrindo. Mas quando falou seus olhos encheram-se de lágrimas. - Monitor, ele dizia. Meu pai foi preso. Dizem que ele era assassino, matava por dinheiro. Eu nunca soube disto Monitor. O que eu vou fazer de minha vida? Seus olhos vermelhos e seu sorriso era um contraste por aquela dor que ele sentia. O pai dele foi condenado a dezenove anos de prisão. Bocalarga continuou no Grupo Escoteiro. Não havia motivo para afastá-lo. Éramos um grupo de amigos e irmãos. O que aconteciam de ruim com os parentes para nós não tinha valor. O lema de um por todos e todos por um para nós era questão de honra. Lembro quando fomos acampar

na Pedra do Mosquito. Bocalarga era da patrulha touro e eu da Raposa. Como era uma subida íngreme sempre amarrávamos um cabo em uma corda comprida para segurar quem escorregasse e não caísse no despenhadeiro. Bocalarga não amarrou bem o cabo. Escorregou e caiu de uma altura de mais de quarenta metros. Não foi em queda livre. Foi batendo o corpo nos arbusto até que se estatelou no fundo.

Todos correram para ajudar. A corda serviu para chegar até ele. Ele gemia de dor, mas sua face sorria. Que coisa gente. Que coisa! Fizemos um Balso pelo Seio e ele foi içado. Mais dores ele sentiu e sorria. Levado ao hospital teve fratura exposta no joelho e em uma costela. Época que não sabíamos ainda como carregar feridos nestes casos. Eu mesmo o levei nas costas por um quilometro até a Fazenda do seu Damião. Usou muleta por muitos anos. Sempre sorrindo. Sua mãe era costureira e resolveu ir embora para Monte Azul. Tinha lá uma tia e duas sobrinhas. Boca Larga não queria ir, mas ficar com quem? Na estação esperando o trem rápido da manhã, eu, Bocalarga e uma dezena de Escoteiros, calados não sabíamos o que dizer. Uma tristeza geral e Bocalarga sorrindo. Penso que ele dizia para si – Maldito sorriso. Meu coração sangra, não quero ir e não posso ficar aqui! Todos chorando e eu a sorrir?

O trem chegou de mansinho. Na plataforma fizemos um circulo. Cantamos para ele a Canção da Despedida. Todos chorando e Bocalarga sorrindo. Queríamos dizer que não era mais que um até logo. Um dia certamente tornaríamos a nos ver. O trem partiu. Ele na janela sorrindo. Vi em seus olhos as lagrimas caírem. Ficamos parados na plataforma até que o trem sumiu na curva do Boi Marinho. Voltamos tristes para casa. É muito difícil dizer adeus a quem está sorrindo, mas que sabemos estar chorando. Oito anos depois o vi em Caratinga. Falamos por pouco tempo. Ele estava com alguns cavaleiros e pensei que trabalhava de vaqueiro em alguma fazenda próxima. Ele balançou a mão dizendo adeus com o sorriso de sempre, eu fiz o mesmo. Nunca mais o vi, mas guardei dentro de mim o seu sorriso de fel. Um sorriso que não era dele. Ninguém nunca soube que ele chorava ninguém. Quem ia acreditar? É, é mesmo difícil dizer adeus a quem está sofrendo.

Enquanto estava a escrever estas pequenas memórias me lembrei de uma frase: "... Se meus olhos mostrassem a minha alma, todos, ao me verem sorrir, chorariam comigo..."



João Papudo que morava nas florestas verdes do Brasil.

O aviso estava dado. Chefe João Soldado (era sargento, mas o apelido pegou) autorizou. Batista nosso intendente logo nos disse que não nos preocupássemos. O material estaria pronto em vinte e quatro horas. Platão o cozinheiro iria entregar a lista de mantimentos para cada um dia seguinte bem cedo. Tudo era dividido. Pedrinho o Monitor sorriu de orgulho da patrulha. Todos sabiam como e quando deviam fazer. – Sairemos na quinta pela manhã. Vamos aproveitar bem o feriado. A reunião de patrulha acontecia na casa do Mino Pastel o sub. monitor. Seriam quatro dias bem aproveitados. Destino? As Florestas Verdes do Brasil. Que nome eim? Mas foi Ditinho quem a batizou assim. Estivemos lá duas vezes. Na primeira vez ao chegarmos ao cume do morro do João Papudo ficamos abismados. A floresta era verde, um verde musgo lindo, no seu seio muitos Ipês das flores amarelas. – Ditinho, para ser o Brasil falta o branco e o azul, eu disse. Ele riu. Vado Escoteiro O céu meu amigo e as nuvens em sua volta.

Ninguém nunca esqueceu João Papudo. Ele tinha no pescoço um papo enorme. Hoje chamam de Bócio que é devido ao aumento da glândula tireoide. Fácil de operar nos dias de hoje, mas naquela época não. Ficou nosso amigo pelo simples fato de o cumprimentarmos, tomar café com ele e comer sua “brevidade” uma das melhores que já comi. Ninguém gostava dele. Logo ele uma alma de Deus. Só por causa do papo no pescoço todos tinham medo e asco. Um absurdo. Na primeira vez que chegamos lá para acampar assustamos. Ele estava na porta com uma foice enorme. Ninguém se mexeu. – Um café? Ele disse. - Porque não? Respondeu Pedrinho. Daí para a amizade foi

um pulo. Ele queria conhecer o grupo e a escoteirada. –Apareça amigo, será bem recebido. Nunca foi. Quando ele precisava fazer compras ou vender suas plantações só ia à cidade à noite, e enrolava no pescoço um cachecol para ninguém ver sua deformidade.

Foi Motosserra, isto é o Lorenzo o escriba da patrulha quem deu a ideia de uma vez por mês fazermos uma campanha do quilo e levar para ele. Na primeira vez chorou e disse não. Ele não merecia. Não falamos nada. Deixamos lá e voltamos. Pedrinho colocou em votação qual o melhor local para acamparmos naquele feriado prolongado. Foi descartada a Lagoa da Lua Branca, a montanha do Gavião, o vale do Esplendor e as Campinas da flor vermelha. Eram ótimos locais, mas as Florestas verdes do Brasil ganhavam de longe de todas e iríamos saudar nosso amigo João Papudo. Dito e feito, seis da manhã café no papinho, pé no caminho. Sete e meia a bordo das nossas máquinas voadoras chegamos. Na porta ninguém. Estranhamos. João Papudo sempre estava lá nesta hora. A porta estava aberta e chamamos. Nada. Entramos, pois ficamos preocupados. João Papudo estava gemendo e suando na sua cama de palha. Seu corpo tremia. No chão vimos muita água e sujeira, sinal que ele estava ali a mais de dois dias.

O que fazer? Sabíamos que nosso acampamento nas Florestas Verdes do Brasil foi para o brejo. João Papudo tinha prioridades. Nunca iríamos deixá-lo ali a mingua e sem ninguém. Tínhamos que levá-lo urgente para o Hospital Santa Inês, o único da cidade. Mais de quinze quilômetros. Patrulha boa não se aperta. Luiz Nantes o Porta Corrente, nosso Sinaleiro e socorrista deu a solução. Mãos a obra. Duas horas e estava pronto. Fizemos uma maca com o toldo da cozinha, cada ponta amarramos em uma bicicleta. Usamos quatro e pé na taboa. Antes das onze estávamos na porta do hospital. Não o deixaram entrar. Ninguém se arriscou a ir ver o que se tratava. Pedrinho correu a chamar o Chefe João Soldado. Estava na sede do batalhão e veio correndo. Ameaçou, falou mal fez tudo e eles nem deram bola. Foi até a casa do Juiz Ponderado e nada. Chamou o Delegado Praxedes e nada. Uma enfermeira Dona Adelaide nos chamou e deu uns comprimidos. Quem sabe ajuda? Com nosso cantil fizemos João Papudo tomar.

Os Escoteiros e seniores do grupo estavam chegando. Uma aglomeração se fez. – Vamos levá-lo para a porta da prefeitura. Se o prefeito não tomar providências ele vai ver com quem estão se metendo, disse o Sênior Jovialto, nove anos no grupo. Um mestre na ação no grupo. Aliás, tínhamos poucos amadores. O prefeito chamou a policia. Chefe João Soldado era policia. Nem deu bola. A patrulha Touro correu a sede e trouxe um enorme toldo da chefia. Armado com rapidez no jardim da prefeitura. Uma cama foi improvisada. João Papudo era tratado pelos Escoteiros na porta da prefeitura. Doutor Melão o prefeito foi lá reclamar. Pé de Pato um lobinho segunda estrela pegou na mão dele. – Doutor prefeito, venha ver como ele está. Afinal o senhor não tem coração? Ele deu meia volta e sumiu nas salas da prefeitura. O povo aglomerava na praça em frente. Doutor Noel um medico antigo na cidade veio

ver João Papudo. – Malditos disse – Um simples bócio faz dele um homem marcado? – Venham comigo a minha clinica.

A história termina aqui. Doutor Noel tratou dele e conseguiu uma internação para operar na Santa Casa da Capital. Dois meses depois eu estava recebendo o meu Correia de Mateiro. Orgulhoso, já tinha o cordão dourado e o vermelho e branco. Esperando a Primeira Classe. Poucos conseguiam. Tinham de ralar para conseguir. Todo mundo olhou para o portão. Eis que ali estava João Papudo em carne e osso. Agora não tinha mais o papo. Orgulhoso levantava a cabeça como a mostrar – Nunca mais! Doutor Noel, vocês e Deus me deram a alegria de viver. João Bonito (mudamos o apelido dele) entrou na ferradura, foi saudado com uma enorme palma escoteira. Não teve jeito, chorou igual menino. Fez questão de dar um abraço em cada um. Abraço gostoso, sincero, amigo.

Seis meses depois João Bonito fez a promessa. Nunca vi ninguém chorar assim. Vá lá, uma promessa é uma promessa. Nossa tropa ganhou um novo assistente. João Bonito era um novo homem. Trabalhava durante o dia na prefeitura (o prefeito com vergonha e não querendo perder as eleições o admitiu como auxiliar geral) e a noite estudava. Três anos depois terminou o curso Técnico em Contabilidade. João Papudo perdeu o papo, mas ganhou uma cidade. Hoje e feliz cortejando Dona Mocinha uma alegre e linda jovem do Bairro Tatu Bola. Ficou um Chefe Escoteiro todo pomposo. As Florestas Verdes do Brasil tiveram nossas presenças por muitos anos. A casa onde João Bonito morava foi jogada ao chão para uma nova estrada até Muzambinho. Histórias que se foram histórias de Escoteiros. E quantas mais por este Brasil imenso?



**O lindo alvorecer na morada da
Terra do Sol.**

Tinha voltado da minha incrível caminhada de quinhentos metros. Estava cansado, respiração ofegante e tomava meu café quando bateram palmas na porta de casa. Domingo é sempre assim. Religiosos nos chamando para dizer se queremos ouvir a palavra do Senhor. Porque não? Gosto de vê-los lendo os mandamentos de Deus. Quando acontece descanso em uma cadeira, pois ficar em pé é difícil e ouço com amor, e olhem, nunca digo que sou espiritualista. Eles não gostam. Afinal ouvir é bom e não prejudica ninguém. Mas naquele dia não eram eles. Cheguei à porta da sala e vi no portão uma figura imponente que até me assustei. Cabelos brancos compridos até o ombro, barba branca bem penteada e uns olhos azuis que chamuscavam que olhava diretamente para ele. Vestia um paletó branco, comprido que ia até o joelho. Uma camisa azul brilhante com um pequeno lenço verde amarrado no pescoço. Usava uma calça de gabardine verde e calçava uma sandália de couro sem meias. Trazia nas mãos uma forquilha. Senhor! Que forquilha! Linda, marrom e cinza, e onde o V fazia uma curva acentuada parecia estar cravejadas de pedras preciosas em delicioso arranjo.

Quem seria? Nesta cidade grande todo cuidado é pouco. Loucos, assaltantes, pedintes, vem às centenas bater em nossa porta. Mas o sorriso do "Velho" era cativante. Cheguei mais perto. Um perfume de flores do campo veio até a mim. O "Velho" sorriu e sem eu esperar me disse – Posso lhe dar um abraço? Fiquei estarelecido! Nunca ninguém bateu em minha porta oferecendo um abraço! Peguei as chaves, abri o portão e ele entrou como se estivesse entrando em um castelo de Reis. Encostou a forquilha encantada na parede e me deu um abraço! Gente! Que abraço. Eu com meus 74 anos me sentia como se fosse um menino sendo abraçado pelo pai. Fiquei sem jeito. – Aceita um café? – Obrigado. Mas não podemos perder tempo. Vou levar você para ver o alvorecer na Morada do Sol.

Assustei-me. Tenho que tomar cuidado, pensei. Pode ser alguém com acesso de loucura – Ele como se estivesse lendo meus pensamentos sorriu e disse – Você precisa vir comigo. Sei que Dona Célia está fazendo a feira e volta logo. Mas estaremos de volta antes. – Pegou-me pela mão e sem fechar o portão saímos voando, ele me segurando, eu assustado! Ele soltou minha mão. Gente! Eu “volitava” sozinho no ar como se já tivesse feito isto há muito tempo. Em segundos estávamos em uma montanha, onde as árvores eram lindas, as folhas de um verde que nunca tinha visto e lá no alto um pico envolto em nuvens que para dizer a verdade, fez meu coração disparar. Lindo! Uma montanha das mais lindas que tinha visto – Como chama? Perguntei. – Você conhece você já esteve aqui. Serra do Sol Nascente. A morada do sol – Me lembrei. Mas não era assim! Eu disse. Ele me olhou e carinhosamente disse - Porque você só viu o que queria ver!

De novo me pegou pela mão. Em segundos estávamos em uma cachoeira de uma beleza sem par. Linda mesmo. Uma névoa branca como se fosse orvalho caindo se formava em sua queda, o barulho da queda era como se fosse uma orquestra de cordas tocando maravilhosamente “The Lord of The Rings” e eu ali pensava – Devia ser um sonho. Pássaros dançavam balé fazendo

acrobacias. – Onde estamos? Perguntei! – Na Cachoeira da Chuva, você já esteve aqui! – Como? Não vi nada disto que vejo agora. - Porque você só viu o que queria ver! De novo lá fomos nós a voar pelo espaço e em segundos chegamos a um vale, todo florido, flores silvestres de todas as cores que nunca tinha visto com um perfume inebriante, e a brisa leve tocando as pétalas e elas dançando ao sabor do vento. – Onde estamos? Perguntei! – No Vale Encantado da Felicidade. Você já esteve aqui. Muitas vezes acampando. – Não lembro, não lembro que fosse assim! – Porque você só viu o que queria ver!

E lá fomos de novo voando nas nuvens brancas do céu. Descemos e ficamos a sombra de um lindo castanheiro. Era madrugada. O orvalho caía calmamente. Uma brisa fresca tocou-me o rosto. Foi então que assisti o cantar da passarada quando a manhã chega lépida e insistente. Havia beija flores, Tico-Tico, Sabiás, canários amarelos, pardais graciosos, uma multidão de pássaros pulando de galho em galho e com suas gralhas graciosas a cantar para todo o universo naquela bela manhã. Onde estamos? Perguntei – Não reconhece? O castanheiro do quintal da sua casa no passado; – Mas não era assim, eu disse. Ele gentilmente respondeu – Porque você só viu o que queria ver.

E assim ele me levou a longínquos lugares perdidos neste mundo de Deus e sempre a me dizer – Você já esteve aqui. Por último, fomos até uma nuvem, enorme, milhares e milhares de escoteiros sentados, cantando canções sublimes. – Que lindas canções são estas? – As mesmas que você cantou sempre. Mas muitas vezes gritadas, sem nexos e você não procurou ver a beleza da melodia que elas possuíam, pois você só ouviu o que queria ouvir!

Voltamos e como se eu fosse um pássaro alado no seu pouso encantador, avistei o meu portão e ele sorridente me disse – Procure ver as coisas como são, procure sentir a beleza das cores, do arco íris, dos lindos sonhos que acontecem com você. Procure ser sincero e diga a si mesmo que a beleza da vida e a felicidade sempre estão ao nosso lado. As cores são belas quando sabemos olhar com amor. Os cantos são belos quando sabemos diferir a letra e a música tocada. Os pássaros são sempre os mesmos, mas saber ver neles a beleza e a singela simpatia que eles têm é uma arte fácil de ser observada. Seus cantares e seus gorjeios sabem que transmitem amor e felicidade. – Ele me olhou e disse – Posso lhe dar outro abraço? E me apertou em seu corpo e de novo senti que era meu pai me abraçando. Saiu calmamente pela rua, escorando na sua linda forquilha cravejada de brilhantes e ao chegar à esquina, virou-se e deu-me um último adeus. Uma pequena nuvem apareceu e o levou ao céu que agora era de um azul profundo, tão azul que pensei que nunca tinha visto aquela cor como agora.

Sentei na cadeira de sempre na minha varanda emocionado. A Célia chegou. Sorriu para mim e disse – O que foi? Porque esta sorrindo assim? Sabe mulher, porque sempre vi o que queria ver e agora procuro ver as coisas como devem ser vista. Nunca tinha observado como você é bela, a mais linda mulher que conheci! Fiquei em pé me aproximei e disse – Posso lhe dar um abraço?



Maria Morena Escoteira que nos fez sonhar...

¶ Linda morena, morena, morena que me faz penar
A lua cheia que tanto brilha, não brilha tanto quanto o teu olhar.¶

Ah! Rotina. Quanta rotina nos meus sábados Escoteiros. Não que eu não gostasse de estar lá com a meninada. Nada disto, eles para mim eram parte da minha vida, mas vai chegando momentos que a gente não se motiva, nada ajuda uma tarde modorrenta e mesmo acampando aquele “Tchan” do começo não existe mais. Vez ou outra eu me perguntava o que estava fazendo ali em Luar do Sertão. Já devia ter ido embora há muito tempo. Afinal estava solteiro vinte e cinco anos em uma cidade onde só se falava da vida dos outros, onde os velhos sentavam na praça a jogar damas, e o programa aos sábados se resumia a um baile no Clube Mediterrâneo, ou um sessão no cinema Palácios. Não podia reclamar, tinha um bom emprego no Banco do Brasil. Bem quisto e me disseram que seria um futuro gerente, pois meu trabalho era elogiado. Mas não era só isto, meus pais velhinhos não podiam ser abandonados pelo seu único filho. E os Escoteiros? Nasci lá como lobo e até hoje sou um eterno apaixonado.

¶ Tu és morena uma ótima pequena não há branco que não perca até o juízo
Onde tu passas sai às vezes bofetão toda gente faz questão do teu sorriso ¶

Mas era só. As moçoilas de Luar do Sertão eram insossas, sem graça e até que namorei umas três, mas não deu certo. No início como Chefe estranhei.

Queria era continuar Escoteiro, fazendo estripulias no campo, pioneirias impossíveis, descobrir novos campos campinas e montes onde eu achava que ninguém ainda conhecia. Mas o tempo foi passando, a rotina seguia seu rumo e o vento da alegria esqueceu de me dar um luar com muitas estrelas no céu. Os meninos Escoteiros da tropa estavam enfadados, já havia alguns que não apareciam sempre. Naquele sábado nem sei por que estava fazendo o jogo de feiticeiros e estátuas. Jogo chato, amolante e sem graça. Eu não gostava dele e sabia que a meninada Escoteira também não. Matias Risonho me fez um sinal – O que foi Matias? – O chefe está chamando. – De novo pensei. De vez em quando Matusalém o Diretor Técnico dava nos nervos. O cara era de doer e gostava de falar. Olhei para trás e até pensei em deixá-lo de molho por alguns minutos. Ele merecia.

¶ Teu coração é uma espécie de pensão de pensão familiar à beira-mar
Oh! Moreninha, não alugues tudo não deixe ao menos o porão pra eu morar.¶

O que? Quem estava com ele? Quem era ela? Uma Deusa? Desceu do céu? Onde ele arrumou aquilo tudo? Uma linda morena como nunca tinha visto, linda? Não mais que isto estupenda morena. Larguei a tropa jogando e fui em passos rápidos até ela. Ela sorria para mim, meu Deus! Que sorriso! Morena linda, esgalga, penumbrosa, parece à flor colhida ainda orvalhada no justo amanhecer. Apresentou-se – Maria Morena, Escoteira da cidade do Garanhuns. Sou Chefe lá! Pronto! Já sabia qual cidade ia morar para sempre! Graças a Deus que naquele sábado de homem só eu. Mais Elisete, Elizabeth e Noreth da Alcateia. Estava pasmado, ou melhor abestalhado com tão magnífica mulher. Uma morena de olhos grandes, parecendo jabuticabas colhidas na hora ao amanhecer, lábios carnudos avermelhados, sorrisos que derrubavam os maiores exércitos que marchavam para a guerra. Era um sorriso de Atena, deusa da guerra, da sabedoria, da habilidade a titã da sabedoria.

¶ Por tua causa já se faz revolução vai haver transformação na cor da lua
Antigamente a mulata era a rainha desta vez, ó moreninha, a taça é tua.¶

Dei um sempre alerta sem graça tentando fazer uma pose de Brad Pitt. Meu corpo tremia, meu coração batia e abestalhado por ver tão linda mulher no pátio da sede. Ela me olhou com os olhos húmidos brilhantes e com uma voz de Afrodite a dizer que seus exércitos iriam vencer a mais sublime das batalhas me perguntou: Posso fazer um estágio com o Senhor por dois meses? – Dois? Nunca, você vai estagiar comigo para sempre! Agora meu coração é seu e a tropa é sua, pensei. Uma voz chata me dizia – “Ah, porque não a deixas intocada Chefe Poeta, tu que és Chefe, na misteriosa fragrância do seu ser, feito de cada Coisa tão frágil que perfaz esta rosa”! – Uma voz esganiçada, grossa, feia, mil vezes maldita ecoou no ar – Mozinho! Vai demorar? – Olhei para o maldito. Moreno brabo, feio, atarraxado, pior de uniforme disformado, de uma vez só estraçalhou meu coração! Seu marido? Noivo? Acosturado? Pé de Café? Danado, estragou tudo! – Olhei para ela, ela desanuviou o horizonte que despontava raios e trovões e disse: – Já vou Mozinho! Virou para mim, com

aquela cara inocente, tão doce, tão amada, tão linda, tão adocicada e disse: –
Posso voltar no sábado?

- ¶ Mas (diz-me a Voz) por que deixá-la em haste agora que ela é rosa comovida
De ser na tua vida o que buscaste tão dolorosamente pela vida ? Ela é morena
rosa, poeta... Assim se chama... Sente bem seu perfume... Ela te ama...¶

Linda Morena, uma marchinha de Lamartine Babo.
Alguns versos de Vinicius de Moraes.



E o sonho de Pato Manco se realizou.

Quando Pato Manco nasceu sua mãe virou as costas e disse – Não é meu filho! Todos ficaram embasbacados com esta exclamação. Uma mãe dizer isto? Quem sabe por que nasceu sorrindo e não chorou? Diziam na época que quando isto acontece o bebê é filho do Coisa Ruim. Bem os médicos não acreditavam nisto. No hospital de Ponte do Rio Verde ele foi bem tratado. Com cinco dias mandaram chamar Dona Neném e ela relutantemente foi buscar seu filho. Notou que uma perna era mais curta que a outra, um aleijado como filho? Batizou como Mitico da Anunciação Carneiro. – Dona Neném, não existe este nome. Mitico eu nunca vi! Ela foi irredutível. Onde teria achado este nome? Zózimo seu marido que morreu foi quem lhe contou de um tal Mitico que morreu de doença matada quando ele era menino. Aos trancos e barrancos ela o criou.

Mitico custou para aprender a andar. Sua perna doía horrivelmente quando dava um passo. Ela lhe dava umas palmadas na bunda gritando – Anda vagabundo! Não vou carregar você à vida toda!

Logo que entrou para a escola todos os chamavam de Pato Manco. Que seja ele pensava, melhor que Mitico que foi apedrejado em sua cidade. Mas o que ele fez para isto? Ele pensava. Sua mãe nunca lhe contou. O pior era que ele sempre foi o melhor da classe e mesmo com seu esforço sua professora dona Naidles o olhava com um místico de desprezo. Pato Manco nunca perguntou por quê. Acostumou com a cidade quase em peso lhe virando as costas, jogando pedras e o chamando de coisas impublicáveis. Quase não saía de casa a não ser para ir à escola. Sua mãe nunca lhe deu amor, carinho nada. Ele nunca cobrou, pois não sabia o que era isto. Achava que sua vida seria assim e não tinha motivos para reclamar. Nunca pensou o que seria quando crescesse. Não tinha amigos na cidade e só Vitória o olhava com um misto de piedade que ele não gostava. Vitória era da sua classe. Um dia ela sorriu para ele. Seguiu seu caminho, pois nunca poderia falar com ela. Sabia que por onde passasse todos iriam gritar alto e o chamar de Pato Manco. Que chamem pensou. Até o Padre Nestor não o olhava com bons olhos. Ele sabia o que aconteceu com Mitico em Arroio Seco e quando olhava para Pato Manco pensava estar vendo tudo de novo como se fosse um filme.

Pato Manco naquela manhã estava sentado no degrau de sua casa. Estavam em férias e não havia escola. Ruim, pois mesmo sendo maltratado ele gostava da escola. Ouviu o som de uma fanfarra. Impossível pensou. Só no aniversário da cidade ou no Sete de Setembro. No começo da sua rua ele avistou a fanfarra. Estranhou. Não era de sua cidade. Quando passaram em frente sua casa ele ficou embasbacado. Dezenas de meninos de calças curtas, Chapelão, um lenço no pescoço e uma mochila nas costas. Cada um tinha um pedaço de pau nas mãos. – Que coisa maravilhosa era aquela? Pensou Pato Manco. Não deu outra, como centenas de meninos da cidade ele foi atrás deles. Marchavam tal e qual o Tiro de Guerra. Ele sorria e mesmo sentindo uma dor terrível nas pernas não desistiu. Quando subiram o morro para o Bairro das Palmeiras ele custou a subir também. Ficou para trás, mas eles viraram para o Colégio Dom Bosco. No bosque estava um caminhão cheio de tralhas.

Em poucas horas eles armaram as barracas e muitos já faziam comida em seus fogões de barro. Pato Manco não pensava, agora ele só via, cheirava a comida, e sua audição pescava tudo que a meninada dizia. Falaram Sempre Alerta, falaram Monitor, cozinheiro e Pato Manco cada vez mais se apaixonava por eles. Alguém bateu em suas costas – Virou e viu uma menina da idade dele. – Quer almoçar conosco? Pato Manco ficou apalermado. Nunca ninguém dirigiu a palavra assim para ele e nunca o convidaram para nada. Aceitou e foi com a menina. Ela lhe deu um prato de esmalte, uma colher e um canequinho de esmalte. Sorriu para ele. Deus meu! Isto é a felicidade que tanto falamos? – Ele pensou. Entrou na fila, comeu com todo mundo. Achou bonito todos rezarem. Ele não entendia nada, mas rezou também. Já estava escurecendo quando Seu

Mateus o chamou. Sua mãe me mandou buscar você! Ele não queria sair dali, mas tinha um medo danado dela. Foi embora e todos os meninos e meninas apertaram sua mão e o convidaram para voltar lá no dia seguinte.

Pato Manco levantou cedo. Chegou lá quando eles faziam ginástica. Ele sabia que não conseguiria fazer. Mas quando terminou muitos dos meninos da Gaivota vieram lhe abraçar. Foram dias maravilhosos. Ele não brincou com tudo que fizeram, mas até esqueceu um pouco sua dor na perna que sempre o fazia sofrer. Quando a noite chegou o convidaram para um fogo. Nunca tinha visto nada vida. Foi o dia que chorou. Pato Manco aprendeu a não chorar. Ele sofria com sua perna, sofria com falta de amor de sua mãe, e com a meninada a jogar pedra nele na rua. Agora era diferente. Nunca pensou que podia existir uma fogueira assim, onde todos cantavam, riam, brincavam e faziam cinema em volta do fogo. De novo Seu Mateus a chamá-lo. No dia seguinte correu de novo para os Escoteiros. Quando chegou lá já eram onze da manhã. O bosque que estavam estava vazio. Sem perceber correu até a estação de trem. Eles estavam lá esperando para embarcar. Muitos dos moleques da cidade estavam lá vendo os Escoteiros partirem. Sempre a gritar Pato Manco! Pato Manco! Eles não sabiam que onde estava só sentia felicidade.

Seu Mateus foi à estação procurá-lo. Não encontrou. Pato Manco sumiu. O delegado mandou um investigador atrás dele na capital. Foi na cidade onde o Grupo Escoteiro que foi acampar existia. Ninguém sabia dele. Deram adeus sim, quando o trem partiu e viram chorando e correndo junto ao vagão, mas ele caiu em uma moita de capim e não o viram mais. Dona Neném não chorou. Que ele suma para sempre! Só meu deu transtornos e infelicidade. Passaram-se trinta e cinco anos. Dona Neném estava com quase setenta anos. Entrevada em uma cadeira de rodas ela vivia as custas de esmolas pelas ruas da cidade. Na esquina da Avenida dos Perdizes com a Marechal Deodoro viu quando um enorme carro negro entrou na cidade. Todos vieram ver. O carro parou ao seu lado. Uma senhora distinta de cabelos brancos com um chalé nos ombros desceu e foi até ela. Um homem de cabelos brancos, com um terno muito elegante e com uma bengala de prata desceu do carro e foi até ela. Ela o olhou e não sabia o que dizer. Reconheceu logo o seu filho. Seus olhos ficaram marejados de lágrima.

- Mamãe, ele disse baixinho quase sussurrando. Mamãe está na hora de ir para casa. Eu vim te buscar. Dois homens fortes de terno e óculos escuros a pegaram e colocaram na limusine. Dona Neném não sabia o que dizer, só sabia chorar. Ali entre aquela senhora distinta e seu filho ela não tinha palavras. Só as lágrimas a machucar seu coração pelo que fez ao seu filho quando menino. Toda a multidão viram os três abraçados soluçando profundamente. O carro partiu. A cidade em peso lá – Alguém perguntou: Seria o Pato Manco? Um zum, zum percorreu a multidão. E a senhora distinta? Não seria a Vitória?



As aventuras de Zezé Escoteiro. O encantador de serpentes!

Quando Zezé fez nove anos seu pai lhe comprou uma corneta. Calma, era de plástico ele nunca poderia comprar uma de metal como as usadas nas fanfarras da escola e do Tiro de Guerra. Zezé não podia ver ninguém desfilando que ele ia atrás. Era um se fosse um menino da fabula do Flautista de Hamelin sendo levado pelo som do mágico que tocava a flauta. Uma linda fábula, mas aqui minha história é outra. Sei pai queria lhe comprar um tambor ou um tarol, mas o dinheiro andava curto. Durante dias ninguém aguentou Zezé e sua corneta. Ficava o tempo todo com ela a tocar, mas o som era aquele parecido com um berrante. Algumas semanas depois a vizinhança deu graças a Deus, pois Zezé esqueceu sua corneta. Com onze anos pediu ao seu pai para levá-lo nos Escoteiros. Apesar de família humilde lá foi ele de mãos dadas com seu pai no dia da reunião. Zezé amou o escotismo. Fez dele uma parte de sua vida. Não pensem que Zezé era especial, não era. Apenas mais um na Patrulha Pavão que ele aprendeu a defender com sua própria vida. Claro era assim que o Monitor ensinava.

Zezé era um dos primeiros a chegar à sede e um dos últimos a sair. Sabia que aos sábados não tinha ninguém na rua para brincar com ele e agora sendo Escoteiro não sentia vontade de ficar com seus amigos conversando. Eles não diziam nada com nada. Veio à primeira excursão, Zezé ria a toa. Era disciplinado e tudo que o Monitor ou o Chefe mandasse ele obedecia. Se for para ficar na fila ele fazia questão de andar bem atrás e olhando os passos do da frente para “acertar o passo” conforme gritava o sub Monitor lá atrás. Aprendeu tudo que o Monitor lhe ensinou. Armar barracas, andar com facas, facões, machadinhas e mesmo pesado ficou vários dias treinando com um

machado do lenhador que existia em sua casa. Aprendeu orientação, a ler mapas, era bamba em sinais de pista e ninguém o superava em semáforas e Morse. No terceiro acampamento da tropa aconteceu um fato curioso. A patrulha jogava bastão para atravessar um regato e ele cair fincado do outro lado para esticar a corta de uma ponte que iriam fazer.

Quando iam saindo até o córrego das lagartixas voadoras, ele se lembrou de sua corneta. Sempre a levava consigo e nunca a tocou no campo. Sabia que o Chefe não gostava e ele sempre pensando um dia tocar para ver se os pássaros iriam pousar em seu ombro. Leu sobre isto e queria tentar. Naquele dia o Chefe estava preparando uma pista molhada, para todos aprenderem a reconhecer pessoas, pássaros e animais pelas pegadas. Ele sem ninguém ver pegou na mochila dentro da barraca sua corneta de plástico. Antes da patrulha seguir em marcha de estrada Zezé sorrindo tocou sua corneta. Um barulho horrível. Uma nota só. Todos os Escoteiros da patrulha olharam para ele espantados. Não é que ele parou e viram muitas cobras correndo? Toquinho nunca viu isso. Era Monitor de patrulha há três anos e quase não se via cobras no campo. Mas desta vez elas estavam escondidas. Ao ouvir o som da corneta levaram o maior susto e se mandaram.

Toquinho fez questão de contar para todos os monitores e eles insistiram para Zezé ir tocar a corneta no campo deles. Chefe Estrela não acreditou e foi com eles para ver Zezé tocar. Começou a rir com aquele som horrível. Mas não é que muitas serpentes que estavam por ali se mandaram? Claro que nunca houve um caso de mordida de cobra com eles, mas agora ele estava mais tranquilo. A fama de Zezé Escoteiro correu toda a cidade. Era dona Chiquinha pedindo para ele tocar no seu quintal, era Dom Manuel prefeito para ele tocar na praça onde já apareceram serpentes venenosas. Até o Coronel Ludovico insistiu com ele para ir a sua fazenda, passar uns dias lá e espantar as cascavéis que de vez em quando matavam suas vacas leiteiras que não sabiam defender. E os Grupos Escoteiros da cidade? Sempre atrás dele para ir ao acampamento tocar sua famosa corneta para as mães dos escoteiros dormirem em paz.

Muitos quiseram pagar, mas Zezé Escoteiro naquele jeitinho de matuto caipira agradecia. Dizia que era um Escoteiro e o que fazia era sua boa ação. Seu pai e sua mãe começaram a ficar preocupados. Todos os dias havia alguém chamando Zezé para tocar sua corneta em algum lugar. Tudo que é bom dura pouco ou não dura nada. A sina de Zezé estava com dias contados. Claro, dizem que em volta da cidade e nos locais de acampamentos não havia mais cobras. Começaram a reclamar de Zezé Escoteiro. Diziam que as pragas nas plantações de feijão e milho estavam aumentando. Sapos multiplicaram-se. Zezé era o culpado por tudo de ruim que acontecia com as plantações. Estava havendo um desaparecimento de espécies e subespécies que dependiam das serpentes para manter a diversidade biológica de tudo que existe em nosso planeta. Antes o Zezé Escoteiro era um herói e agora era condenado por diversificar a vida das espécies ali em sua cidade Ouro Negro.

A vida de Zezé mudou, mas seu amor ao escotismo não. Ficou um menino triste, mas acreditava que fez o bem sem olhar a quem. Nunca cobrou nada. Ele sempre nos acampamentos era o que mais ria o que mais contava suas histórias. Era aquele que amava o campo, amava as estrelas, o luar, sempre pensando que um dia iria seguir o sol que caminha para o oeste. Montepino veio correndo avisar ao Zezé que próximo da lagoa do Jacaré havia uma enorme cobra. Zezé pegou sua corneta e foi lá ver. Era grande mesmo, sem mentira tinha mais de oito metros, gorda enorme e parecia dormir. Zezé não sabia ninguém tinha contado para ele como era uma Sucuri. Elas habitam em lagoas e rios e quando a fome aperta comem de tudo, tartarugas, quatis, capivara e até bezerros pequenos. Comem não vão engolindo aos poucos apertando sua vítima. Como enxerga mal usa a sensibilidade de sua língua e focinho para primeiro comer a cabeça da vítima.

Zezé Escoteiro nunca tinha lido sobre isto. A Sucuri não tem veneno. Foge ao primeiro sinal de perigo. Zezé chegou devagar, a menos de dois metros tocou sua corneta. Nada, a cobra parecia dormir. Zezé tomou coragem e foi até a cabeça da cobra, com um pé pronto para correr tocou com a maior força sua corneta na cabeça da cobra. Só Zé Pequetito viu o que aconteceu. Contou para todo mundo e a história se espalhou pela cidade. Ao tocar a corneta a cobra levou o mais susto. Sem perceber abriu a bocarra e vomitou com força tudo que estava em seu estomago em cima de Zezé Escoteiro! Zezé espantado saiu correndo cheio de gosma, de pedaços de carne, sangue e outras coisas mais. Ficou mais de quatro horas se lavando no córrego da Traíra. Jogou longe sua corneta. Jurou para sim mesmo que nunca mais, mas nunca mais mesmo iria tocar corneta para espantar serpentes.

Não pensem que Zezé Escoteiro desistiu de ser Escoteiro. Quando alguém na cidade pedia para ele contar como foi ele nunca recusou. Dava belas risadas e dizem que até hoje a história da Sucuri que vomitou em Zezé é contada em todos os lugares que davam enormes gargalhadas de tudo!



As flores da primavera voltaram, pois o verdadeiro amor nunca morre.

Na mesma pedra se encontram, conforme o povo traduz, Quando se nasce - uma estrela, quando se morre - uma cruz. Mas quantos que aqui repousam não de emendar-nos assim: “Ponham-me a cruz no princípio... E a luz da estrela no fim!”.

Mario Quintana

Naquela pequena clareira a pequena fogueira estava apagada. Nem brasas havia mais. A lua esquecera-se que ele estava ali e se escondeu em uma montanha distante. As estrelas no céu desistiram de tentar alegrá-lo e ficaram paradas no céu sem brilhar. Ele não tinha forças para ao menos colocar mais um galho seco, soprar e quem sabe o calor do fogo poderia ajudar na sua imensa dor. Uma dor cruel, uma perda que marcaria seu coração para sempre. Chorar? Ele chorou muito. Chorou quando soube, pensou em se matar em suas exéquias, sentiu a vida se esvaír nos meses que ficou só sem ter ela sorrindo ao seu lado como sempre fazia. Os amigos escoteiros tentaram consolar, palavras bonitas surgiram e ele sabia que seu coração estava morto. Não ligava. Porque falar do artigo da lei? O que sabem da dor de uma perda de alguém que nunca mais vai voltar? Sorrir? Para que sorrir se nunca mais ela estará junto dele? Preferia estar morto e não se matou por que acreditava em Deus.

O vento soprava de leve e a brisa da noite começou a cair. Ele não sentia frio e nem calor, seu corpo embruteceu-se nas suas necessidades mais simples. Tentava, chorava e por dentro gritava para si que precisava esquecer se não ficaria louco. Os tempos das alegrias se fora. Há tempos não acampava mais com a tropa. Não tinha motivos mesmo porque parou de frequentar as

reuniões. Seus Escoteiros o procuraram, mas só viam lágrimas nos seus olhos. Sentia-se bem acampando sozinho. Sem vozes, sem alguém com sua piedade que não o satisfazia. A dor vinha mais forte ele sabia, mas pelo menos a natureza poderia lhe trazer a calma que ele precisava. Durante o dia tentava fazer uma pioneiría maior para passar o tempo. Mesmo que a fome não era tanta ele pouco ligava para ela. Pescara sim bons peixes que apodreceram na mesa rustica da cozinha que construiu. Ele gostava das noites sombrias. Nem ligava para a lua, para as estrelas e esquecera completamente o encanto do nascer e do por do sol.

Não podia esquecer aquele dia quando a viu pela primeira vez. A chuva caía torrencial e ela brincava na chuva cantando e dançado com uma alegria tal que o encantou para sempre. Quem era ela? Não importava ele sabia que foi assim do nada que surgiu um grande amor. Ele sempre acreditou que os Escoteiros são fortes, sabem pular uma dificuldade e sabem sorrir. Quem sabe ele pensou que era um deles e nunca foi? Era sua reunião terminar e ele corria apressado a dar os avisos aos monitores e partia célere para encontrar-se com ela. Rosamaria, seu nome era Rosa rainha das flores e Maria mãe de Jesus que diziam ter uma beleza sem igual. Passeavam de mãos dadas, viviam sorrindo um para o outro, iam a mil lugares e ele nunca a tocou a não ser roçar seus lábios vermelhos molhados como o néctar das flores. Ele gostava do cheiro dela. Gostava do seu modo de sorrir de olhar e de sua voz de anjo.

Seu casamento foi inesquecível. Para ele o melhor dia de sua vida. A escoteirada lá sorrindo, brincando com seus bastões sobre suas cabeças, cantando o Rataplã e palmas escoteiras repaginando as folhas do livro da história que nunca existiu. Quando ele e ela ficaram sós ele não sabia o que fazer. Ela estava linda em uma camisola branca como sua pele e sorria envergonhada. Amaram-se sobre a proteção de Deus. Os dias mais felizes de sua vida ele nunca mais iria esquecer. A escoteirada sentia sua força e sua nova forma de viver. Seu Chefe agora era outro. As atividades eram feitas com alegria tal que todos vibravam querendo mais. A pequena cidade ovacionava aquele casal maravilhoso e quando ela fez sua promessa foi uma apoteose. Parecia que o tempo reverenciava aquela moça dos olhos negros com seu sorriso enorme e sua vontade de amar para sempre o jovem Chefe Escoteiro que jurou ser seu companheiro por toda a eternidade.

Ninguém soube realmente o que aconteceu. Ela começou a definhar e morreu em poucos meses. O tempo parou no espaço infinito. Ninguém sabia o que dizer e mesmo as palavras do Velho Pároco, aquele que o batizou a dizer que viver com a ideia fixa no próprio sofrimento seria o mais puro egoísmo. – Meu filho sofrer pelos outros é caridade, sofrer voluntariamente por motivo próprio é egoísmo! Meu Deus, não deixe que ela morra, ele dizia. Mas ela estava morta. Ele se transformou em um zumbi a correr as ruas da sua cidade sem saber para onde ir. Cada pessoa tem determinada resistência à dor. O que para uns é uma coisa terrível, para outros é apenas um pequeno choque; o que para certas pessoas é uma verdadeira tragédia, para outras não passa de um golpe

contornável, mas para ele era como se fosse uma faca transpassando a cada minuto seu coração que ele dera para ela.

Naquele último dia ele fez a fogueira como se fosse uma máquina que não pensava. Era seu último dia, pois ele precisava voltar. Precisava trabalhar já que suas pequenas economias estavam no fim. As chamas subiram aos céus e juntas as fagulhas faziam seu espetáculo que ele hoje esquecera e que um dia achava um espetáculo à parte. Havia um bule de café fumegante, pois era sua rotina de anos e anos. Mas ele sabia que quando o fogo terminasse o café se esfriaria e ficaria ali junto com ele esperando o amanhecer. Abaixou a cabeça e começou a chorar. Veio um soluço forte. Estava engasgado de emoção e dos seus sonhos que se foram. Um barulho de um galho quebrado lhe chamou a atenção. Em uma trilha que levava ao Lago Dourado ele viu se aproximado um Velho Escoteiro, Barbas brancas, cabelos brancos e trazia na mão um Velho e tosco chapéu escoteiro. Ele olhou com espanto aquela figura que não lhe era desconhecida. Ele sabia que o tinha visto em algum lugar.

O Velho Escoteiro o saudou carinhosamente e sentou em sua frente em uma pequena tora que há anos estava ali. Ele não disse nada. Sorria, um sorriso cativante como se sua vida fosse um mar de rosas. O Velho Escoteiro olhou para o fogo que rejuvenesceu. As chamas aumentaram. O Velho Escoteiro olhou para o céu e ele nunca viu um céu tão brilhante onde as estrelas no firmamento davam seu espetáculo sem cobrar. Os cometas cruzavam o céu como a saudar aquele Velho Escoteiro que resolveu voltar ao mundo onde viveu há muitos e muitos anos. A lua saiu de trás das montanhas e uma brisa suave começou a roçar seu rosto trazendo o perfume das flores silvestres. Ninguém disse nada. Ele não sabia o que dizer. Começou a sentir uma paz que nunca sentiu antes. Frases começaram a pipocar em seu cérebro – Há uma espécie de conforto na autocondenação. Quando nos condenamos, pensamos que ninguém mais tem o direito de fazê-lo. Eram vozes que ele não conhecia.

Ele segurava-se em suas lembranças. Não queria esquecer-se delas. Rosamaria não podia ser esquecida. Sem perceber lembrou-se das palavras de uma poetiza que disse: O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher. Lágrimas começaram a cair, mas diferente das lágrimas doidas de antes. O Velho Escoteiro estava em pé. Sorria para ele da mesma maneira que chegou. Foi até onde ele estava. Colocou a mão em seu coração e no dele. Somos irmãos de sangue, tu e eu! Ele disse e partiu. Ele o viu andando sobre o Lago Dourado e desaparecer nas sombras da noite. Nesta noite ele dormiu. Sonhou com ela. Ela sorria e dizia que o nosso amor era eterno. Estava escrito nas estrelas que seria assim. Ele acordou rejuvenescido. Nunca esqueceu Rosamaria e sabia que eles se encontrariam em muitas vidas que Deus lhe reservou. Estariam juntos para sempre em toda a eternidade.

Quando ele chegou naquela tarde ao Grupo Escoteiro ninguém perguntou, ninguém tentou mudar a rotina que sempre teve. Ele se incorporou a ela. O mundo não para e todos nós seguimos o passo do mundo. Ele sabia que ia lembrar-se dela para sempre, mas como uma alegria que iria continuar na eternidade. Ao sair do portão para retornar a sua casa ele viu em uma esquina o Velho Escoteiro. Ele estava sorrindo e lhe fazendo o sinal Escoteiro. Ele retribuiu. O Velho Escoteiro partiu subindo até uma nuvem banca e ele nem perguntou quem era de onde veio e para onde ia. Ele só sabia que sua vida mudou para sempre!

Um Sentimento verdadeiro não morre. Por decepcionado que fique, por machucado que seja pode até esfriar. Ou adormecer Mas tal como o vento, jamais deixa de soprar:
Um Amor de verdade retém em si a própria essência do tempo e do Universo
- É imortal, é Infinito É Eterno... Augusto Branco



Pedras brancas de gelo na Mata do Quati.

Atemporal do tempo. Vale a pena recordar.

12 de janeiro de 2015.

Dois dias que temporais enormes caem sobre meu bairro. Ontem choveu granizo. Estava na minha varanda observando e ouvindo o som das pedras de gelo sobre as telhas da varanda e na minha rua. Música sublime para mim. Gosto disto, amo isto eu adoro a chuva. Não sei por que ela se prendeu a

mim e ficou presa no meu coração para sempre. Os ventos batiam nas grades do portão e respingos me molhavam, não arredei o pé. Precisava ficar ali, pois as recordações eram muitas. Voltei no tempo atemporal. Seria como se eu tivesse a mágica de transitar no tempo sem necessariamente pertencer ao passado o presente ou ao futuro. Sem querer me lembrei de um conto que li – Sempre me lembro dele. Aqui coloco as suas últimas estrofes: - Ontem chorei. Apronto agora os meus pés na estrada. “Ponho-me a caminhar sob sol e vento”. Vou ali ser feliz e já volto”. Um dia quem sabe vou postar todo ele. Atemporal, voltar no tempo sem medo de perder o presente e o futuro. Com toda aquela borrasca que caía na minha rua, minha mente se foi. Plantou-se em um passado que nunca esqueci.

20 de janeiro de 1958.

Seis Escoteiros Seniores. Olhos vivos a perscrutar com a vista todos os lugares naquela noite escura, sem luar sem medo da chuva ou vento. Acampamentos vividos que alguns não esqueciam jamais. Em volta do fogo, eles comiam banana assada. Pareciam mais pioneiros que sêniores. A moda índia sentaram a vontade naquele foguinho e se esquentavam de uma noite fria. Um “foguinho” pequeno. Chamas baixas, muitas brasas para não adormecer o café no bule, já perdendo seu esmalte de anos e anos de uso. – Parece que vai chover. – Taozinho custava para falar. Era um sênior miúdo e de olhos vivos. Minutos se passaram. – Gosto da chuva, adoro uma boa dificuldade debaixo de tempestades. – Helinho ria para ele mesmo. Que o visse naquela hora achava que estava louco. – Israel olhou de soslaio. Não disse nada. Ele nunca esqueceria o acontecido. Darcy não perdia a pose de dar uma boa gargalhada. – Valeu! O melhor acampamento que fizemos. – Chico o menorzinho dos seniores queria dizer alguma coisa. Não sabia o que dizer. Eu estava com os olhos fechados. Queria reviver o momento. Voltar no tempo. Sentir as tremuras, o medo e a força que fizemos em reviver, em refazer um acampamento destruído.

04 de janeiro de 1954.

Cantantes, sorridentes, cada um já sabia o que fazer. O esqueleto da barraca suspensa entre quatro árvores estava quase terminado. Faltava ainda boas amarras nos tripés. Chico e Israel adentraram mais fundo na mata. Precisavam de bons cipós que não quebravam. Sisal? Nem pensar. Nem existia ainda. Aboletado lá no alto Israel e Taozinho elevavam no ar uma bela tora que serviria de escada até o alto da árvore. Eu e Helinho terminávamos nossa cozinha. Planos futuros para ela também ficar suspensa. Belos planos. O céu escureceu. Taozinho gritou! – Nuvens baixas cor de cobre? Todos juntos responderam – É temporal que se descobre. Melhor armar duas barracas de duas lonas para nos abrigar. O toldo foi jogado em cima da cozinha. Darcy correu a cobrir o lenheiro. Uma patrulha que sabia o que fazer. Não eram amadores. Ploc! Ploc! Uma pedra, duas um punhado. Pedras de gelo enormes!

20 de janeiro de 1958.

Em volta do “foguito” que dormitava e queria apagar, cada um pensava na vida que tinham levado em belos acampamentos no passado quando Escoteiros da Patrulha Leão. – Foi duro, não foi fácil. Disse Helinho. Lembra Darcy das barracas? – Tãozinho riu. Ele não gostava de rir. Viraram peneiras. Enterramos antes de voltarmos. Perdemos quase tudo. – E o raio? Disse Darcy. Caiu como um chumaço na base do estrado que fazíamos para as barracas. Não sobrou nada. – Silêncio profundo. Cada um voltava no tempo. Chico levantou e pegou alguns biscoitos – Alguém aceita? Foi você Vado que correu na frente de todo mundo para ficar embaixo da enorme aroeira? – Israel gargalhou forte. – Ele parecia um corisco com medo da chuva! – Medo das pedras enormes que caiam, eu disse. – Bons tempos, disse Israel. Dormimos presos uns aos outros molhados sem poder ou sem onde abrigar. – Todos concordaram com um leve levantar de sobrancelhas. Seniores, quando se encontram em volta de um “foguito” tem histórias para contar. Um vento forte levantou fagulhas no ar. – Vai chover? Disse Tãozinho. Se tem vento e depois água? – todos responderam: Deixe andar que não faz mágoa. – Vou dormir eu disse. Uns foram outros ficaram. Coisas gostosas para lembrar. Passado que se foi.

12 de janeiro de 2015.

Meus olhos ficaram húmidos. Lembranças sempre me tocam o coração. Tempos bons, tempos alegres, cheio de aventuras... Tempos que não voltam mais. Olhei a chuva fininha que caía. Acalento para minha alma. Outro dia recebi um telefonema. Era Israel. A mesma voz. O mesmo estilo mineiro que adoro. Onde anda o Darcy? O Tãozinho? O Helinho? O Chico deve estar zanzando por aí. Era o mais novo. Gente fina. Escoteiros e seniores que tiravam o chapéu quando uma dama bonita passava por eles. Lembranças... Dizem que quem não tem lembranças não viveu. Passou pelo tempo como se não tivesse passado. Há quanto não daria para entrar em uma máquina do tempo. Mas ela ao me levar teria que fazer menino de novo. Dizem que foi Clarice quem disse: -

O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então — para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa — eu cultivo um certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto.

E as pedras brancas embranqueceram minha rua que tanto amo molhadas pela chuva que caía copiosamente!



O céu que nos protege.

Lorraine tinha dúvidas se era feliz. Um dia num passado muito distante fora sim, muito feliz. Agora o presente e o passado se alternavam em sua mente e hora sim hora não ela sorria ou chorava. Ela estava com os olhos semicerrados no ônibus que retornava para a sede após mais um acantonamento com os lobinhos. Todos dormiam. Fora uma atividade cansativa e muito divertida. Não tanto para Lorraine. Como sempre duas mães da equipe de apoio só foram para ficar ao lado dos seus filhos. Lorraine não gostava disto. Mas não eram só elas. Muitos chefes no Grupo Escoteiro faziam o mesmo. A própria Akelá não era exceção. Uma proteção que ela achava errado. Mas falar o que? Ela também entrara por causa do Tony seu filho de sete anos. Tentava sempre manter uma distancia quando em atividade. Seja na sede ou no campo. Explicou a ele. Tony era muito adulto e isto a fazia se orgulhar. Mas o mesmo não acontecia com os outros.

Agora uma lágrima descia dos olhos de Lorraine. Uma tristeza infinita invadiu sua mente e seu coração machucado batia descompassadamente. Ela sabia que Alfeu seu esposo tinha outra. Não tinha mais dúvida. Eles de uns tempos para cá não tinham mais aquela sintonia de almas gêmeas do passado. Os beijos, os abraços e o “eu te amo” não existiam mais. Ela acreditava que este fora um dos motivos por ter entrado no escotismo. No começo nem pensou em ajudar. Achava que seu filho ali devia ter vida própria. Devia crescer interna e externamente, pois isto era uma das finalidades do escotismo que tinha lido. A vida com Alfeu agora lhe trazia inúmeras tristezas. Lembrou de que por duas vezes alcançou a felicidade plena. A primeira quando casou, quando entrou na igreja num belo vestido de noiva. Era uma tarde esplêndida na primavera e a igreja lotada. Sorria de plena felicidade. Felicidade que em pouco tempo estava acabando. A segunda foi quando Tony voltou da sua primeira reunião com a Alcatéia. Seu sorriso não tinha preço. Ela sorria também com sua enorme felicidade.

Dois grandes problemas martelavam em sua mente como se fossem insolúveis e a machucavam muito. Ela não sabia o que fazer. O primeiro sua vida conjugal e o segundo a permanência nas fileiras do escotismo. Ela sabia que Alfeu tinha outra. Chegava tarde, não a procurava mais no leito, deixou de ser carinhoso e mesmo sendo uma mulher calma e ponderada ficou completamente sem ação. Devia ter tomado à iniciativa, mas isto não fazia parte de suas ações que sempre eram bem calculadas e pensadas. Mais dia menos dia ela e Alfeu iriam se separar. Não era o fim do mundo, não era. Muitos casais se separam, mas ela nunca imaginou que isto pudesse acontecer entre eles. E Tony? Como reagiria? Alfeu sempre foi um bom pai. Apesar de não ter sido Escoteiro não a proibia e até alimentava ilusões que um dia ele também pudesse participar. Era um companheiro de Tony. Quando não havia atividades escoteiras saíam para passear, ir a jogos de seu time preferido, e ver algum filme próprio para a idade dele. Nestas horas sentia que ela não fazia parte da família. Ele não a convidava mais.

No Grupo Escoteiro ainda se sentia uma intrusa. Dois anos lá. Alguns cursos de formação. O Diretor Técnico se autoneomeou como seu assessor pessoal. Nunca foi seu amigo. Sentia que havia um distanciamento entre ele e a diretoria com os demais chefes. Eram muito formais. Diziam para ela que o Grupo Escoteiro era uma grande família, mas o exemplo que sentia na pele não demonstrava isto. O grupo para ela era como se fosse sua antiga empresa quando ainda trabalhava onde tudo era feito de maneira harmoniosa, mas formal. Muito formal. Eu aqui e você aí, faça sua parte que eu faço a minha. A própria Akelá não era diferente e mantinha um distanciamento com seus assistentes. Ela se sentia uma intrusa na Alcatéia. Ela resistiu e continuou por causa de Tony. Ele sentia orgulho em ver sua mãe de uniforme e isto era para ela um bálsamo pelos dissabores que estavam acontecendo em sua vida.

Ao chegar em casa cansada da atividade e colocar Tony para dormir após o banho e um lanche, ela sentou na sala e ficou pensando em sua vida. Ainda não era onze da noite e Alfeu chegou. Bêbado. Ela sabia que ele estivera na farrá. Como sempre não disse nada. Nunca dizia. Ele foi quem puxou o assunto. - Lorraine, eu vou me separar de você! – Lorraine ficou estática. Sua voz sumiu. Não sabia o que dizer. Seu pensamento não dizia qual palavra deveria pronunciar naquele momento... Alfeu subiu ao seu quarto, pegou algumas roupas e saiu pela porta sem dizer adeus. Lorraine ficou ali, olhos marejados de lágrimas. Era difícil pensar, não sabia o que fazer. Dormiu ali na poltrona e acordou com um brilho na janela. Assustou. Foi até lá. Seu pai no jardim sorria. Ela queria falar e não conseguia. Ele nada dizia e só sorria para ela como sempre fez quando ainda vivo. A luz desapareceu. Seu pai se fora. Foi para seu quarto, lembranças de Alfeu ainda estava viva em sua mente. Dormiu de novo.

Como sempre levantou cedo, preparou o café de Tony, viu quando ele entrou na perua escolar. Era hora de ela partir para seu trabalho. Sabia que

eles a aceitariam de volta. Sempre fora boa funcionária. Passou um dia horrível, o pior de toda sua vida. Ao voltar para casa viu Alfeu e sua nova namorada na esquina, andando abraçados e rindo. Triste vida a minha pensou. Chegou em casa, encontrou Tony alegre a brincar com Thiago um lobo seu vizinho. Olhou para as duas crianças, como era bom ser assim, sem problemas, sem tristezas e o futuro? O dela já estava marcado. Lembrou de seu pai sorrindo, olhou para os dois jovens que sorriam, seu coração doía, mas ela não podia continuar assim. A vida continua tudo passa, se fizermos a junção das duas podemos dizer – Tudo passa e a vida continua. Quem foi que disse que se um dia a felicidade acabar, então a tristeza um dia também deixará de existir? Melhor é continuar. Esperou a noite para conversar com Tony. Ele silencioso ouviu sem retrucar. Alfeu nunca mais apareceu em sua vida.

Hoje Lorraine continua no Grupo Escoteiro. Resolveu fazer ela mesma sua vida ali. Sorria para todos, nunca disse a ninguém o que aconteceu com ela. Passou a receber elogios em seu trabalho. Não digo que esqueceu Alfeu. Não havia como, mas agora ele não participava mais de sua vida. A noite em suas orações pedia por ele. Que ele fosse feliz. Tony perguntava às vezes pelo seu pai. Ela sabia que ele não tinha ódios e nem rancores. Se um dia ele aparecer, será bem vindo, mas nunca em vida de família. Neste ele não teria seu lugar. Lorraine aprendeu que a felicidade não está no fim da jornada, e sim em cada curva do caminho que percorremos para encontrá-la. Ela não iria procurar a verdade fora dela mesma. Ela sabia que a verdade estava com ela. Ela sabia que ela estava em sua fé interior. Em seu coração para todo o sempre!



O Chefe Escoteiro de Lua Verde.

Três patrulhas. A quarta só no ano seguinte. Tropa nova, com menos de seis meses de atividade. O Chefe Galício era novo, menos de vinte e três

anos. Resolveu um dia ser Escoteiro. Nunca foi. Achou nos guardados do seu pai um livro chamado Escotismo Para Rapazes de Baden Powell o fundador. Leu em uma noite. Gostou. Seu pai quase não falava. Vivia em uma cadeira de rodas. A mãe morrera há anos. Ele o arrimo da família. Sempre pensou em ir embora de Lua Verde. Só conseguiu terminar o segundo grau. Cidade pequena, menos de dez mil habitantes. Sem perspectivas de crescimento profissional. Não podia deixar seu pai. Para sobreviverem ele montou uma quitanda. Pequena. Na frente de sua casa para não pagar aluguel. Algumas verduras, frutas, doces, e quando pode comprar uma geladeira, refrigerantes e algumas guloseimas geladas. Dava para seguir adiante a cada mês. O “fiado” era a parte mais difícil. Como negar ao Seu Romerildo? A Dona Eufrásia e a tantos outros? Eram como ele. Nem sabiam o que iam comer amanhã.

Depois que leu o livro o releu diversas vezes, pensou com seus botões. - Porque não ter uma tropa Escoteira? E assim fez. Mãos a obra. Convidar meninos foi fácil, a sede também não foi difícil. Ficaram num pequeno porão da Igreja Matriz. Mas Galício não entendia nada. Começou assim na raça, nem sabia que existia autorização, alguém responsável acima dele. Ele e os Raposas, os Tigres e os Leões eram os escoteiros mais felizes do mundo. Amigos, irmãos, juntos sempre. Quando os viam pela cidade a correr pelos campos, parecia um bando de meninos loucos a fazerem suas aventuras fantásticas. Galício adorava. Um dia recebeu uma carta. Era do Grande Chefe Escoteiro da Capital. O convidava para um curso. Todas as despesas pagas. Porque não ir? A quitanda deixou na mão de Quinzinho e Marquinho. Dois Monitores que sempre o ajudavam nos sábados quando a quitanda estava cheia.

Partiu de trem para a capital. Quinze horas de viagem. Na chegada se informou onde era o Parque da Montanha. Pegou o bonde. Desceu no final e daí seguiu a pé. Eram mais seis quilômetros. Nada que assustasse Galício. Quando chegou viu muitos chefes. Bastante. Gostou do curso. Não gostou de alguns. Prepotentes, vaidosos, cheios de importância. Porque perguntava? Aprendeu muito. Resolveu que devia ter uma Alcatéia. Mas quem convidar? No trem quando retornava pensava a respeito. Uma jovem morena sentou ao seu lado. Galício teve duas namoradas. Pouco tempo com elas. Nunca pensou em casar. Novo. Agora com seu pai entrevado não tinha esse direito. Ela o olhou de cabeça baixa. Galício viu que chorava. – Por quê? Perguntou. Ela não respondeu. Acordou com ela dormindo em seu ombro. Reparou que era muito bonita, mas tinha o olhar envelhecido por uma vida de lutas.

Toda a viagem ela chorava. Galício insistiu. Ela nada dizia. Só disse que deveria ter morrido e Deus quis assim. Que seja. - Vai para onde? Sem destino respondia – Sem destino? Não tem amigos, parentes, nada? Não tenho. Quando chegou à estação de Lua Verde tinha resolvido. Desça comigo. Ficará uns dias em minha casa. Ela assustou – Descer? E sua família? Não se preocupe. Uns dias em Lua Verde você irá colocar a cabeça no lugar e saberá aonde ir e o que fazer. Ela desceu. A cidade inteira na janela vendo Galício e a

bela morena. Quem era? Ele casou? Ele não disse nada. Sua vida continuou. Seu pai nem perguntou. Os escoteiros nada disseram. Sua vida mudou. Lena era uma mulher perfeita. Cuidava da casa. Fazia tudo. Seu pai tinha os olhos brilhando quando estava ao seu lado. A cidade inteira comentando. E a Tropa? Alguns pais querendo tirar os filhos. Os comentários não eram bons. Uma mulher da vida, só podia ser.

Galício resolveu casar com Lena. Ela disse não. Por quê? Você não tem ninguém. – Ela chorando disse que ia contar a verdade. Era mulher de vida na capital. Gostava de um soldado. Ele prometeu casar com ela. Morreu em tiroteio com bandidos. Chorou muito e o pior. Tinha AIDS. Sim, isto mesmo! Ainda em fase inicial. Galício manteve seu pedido. Não importa. Quero você como minha mulher. Casaram-se na Igreja de São Judas Tadeu. Cerimônia simples. Ele uma vizinha e as três patrulhas escoteiras. Casou de uniforme. Ela feliz. Sorria. Viveram muitos anos. Lena se tornou Akelá. Os lobinhos adoravam sua Chefe. Galício e Lena nunca fizeram sexo. O amor dos dois eram diferentes. Lena morreu com quarenta e oito anos. Seu velório foi assistido por toda a cidade. Dizem que virou santa. Não sei. Mas seus lobinhos hoje homens feitos nunca esqueceram a Chefe que tiveram. Galício chorou por muitos anos. Morreu com sessenta e quatro anos.

Conheci ambos. Sempre quando vou a Lua Verde não deixo de fazer uma visita ao tumulo dos dois. Lado a lado. Escreveram uma lápide simples. Nem sei quem escreveu. – “Aqui jaz, dois amantes que nunca foram. Amaram o escotismo e com ele viverão para sempre no céu!”.



A solidão de Maria Thereza.

- A solidão de uma criança é diferente das nossas Chefe. Nany uma chefe Escoteira é quem me dizia. Fiquei pensando se era verdade. Mas solidão na mente de cada um de nós não difere de outra a não ser o motivo dela acontecer. Os poetas e os entendidos dizem que a solidão é um sentimento no qual uma pessoa sente uma profunda sensação de vazio e isolamento. A solidão é mais do que o sentimento de querer uma companhia ou querer realizar alguma atividade com outra pessoa não por que simplesmente se isola, mas por que os seus sentimentos precisam de algo novo. Até que concordo com esta explicação. Mas voltando a Nany Escoteira ela me contava a pequena epopéia de Maria Thereza. Epopéia? Nem sei se podia chamar de saga, aventura ou desventura. Como sofreu aquela menina. Ainda bem que um dia ela entrou para as Escoteiras. Não vou dizer que sua vida mudou, mas ajudou a suportar o que a vida lhe reservava.

- Posso lhe garantir Chefe que Maria Thereza amava a sua mãe. Seus olhos brilhavam quando estava junto a ela. Infelizmente e não sei por que Dona Carlota nunca ligou para sua filha. Não a proibia de nada e quando disse que ia ser Escoteira virou de lado lendo um livro e nem tocou mais no assunto. Eu não esqueço o dia que ela chegou ao Grupo Escoteiro. Triste, taciturna, nenhum sorriso e mesmo sendo apresentada a patrulha não disse nada. Se interessou ou não ninguém pode dizer até hoje. Eu mesmo Chefe fui algumas vezes a sua casa e conversei com Dona Carlota. Quer saber? – Ela nem nos meus olhos olhava. Para a patrulha Maria Thereza não era um estorvo, mas a continuar com aquela seriedade, com a falta de ambição em fazer as provas e mesmo nem perguntar quando poderia vestir o uniforme fazia dela a única que nunca se entrosou com nada.

- Pois é Chefe, teve um dia que a mãe dela apareceu por lá. A reunião estava calma, ninguém conversando alto e ela chamou de longe sua filha. Maria Thereza sorriu. Que sorriso. A patrulha e a tropa nunca a viu sorrir assim. Sua mãe ali? Deve ter pensado. Mas ela ficou pouco tempo. Só avisou que ia viajar e iria ficar uma semana fora da cidade. Saiu sem mesmo abraçar sua filha. Eu pensei Chefe que depois daquele dia ela não ia mais voltar no grupo. Só disse para ela que se quisesse ficar lá em casa enquanto sua mãe estivesse fora, seria um prazer para mim. Maria Thereza não disse nada. Vi que seus olhos estavam vermelhos. – Sabe Chefe, eu pensava que não poderia haver uma mãe assim. Quando a reunião terminou e fui para casa notei que Maria Thereza estava atrás de mim. Parei e dei a mão para ela. A princípio ela assustou, mas depois apertou minha mão com força. Minha mãe a abraçou quando chegamos. Meu irmão que já era um sênior deu a ela as boas vindas.

- Chefe ela se modificou por completo naquela semana que ficou em minha casa. Acredito Chefe que ela queria ter atenção, amor, abraços e sorrisos o que não tinha em sua casa. Minha mãe, Marcus e eu fazíamos tudo

para ela ser feliz. Sua mãe ficou três semanas fora. Maria Thereza neste período nem se lembrava dela e se preparou para as provas como nunca. Logo me disse pronta para fazer a promessa. Pediu-me para ir a casa dela e na volta me deu duzentos reais. – Para o uniforme Chefe! De sua mãe ou seu? Eu perguntei. Minha Chefe, minha mãe me deu para gastar quando quisesse. Era muito para o uniforme e devolvi depois o que sobrou. No dia de sua promessa sua mãe chegou. Foi a sede para buscá-la. Expliquei o que ia acontecer e a alegria de sua filha que tinha mudado. – Bem ela disse, avise a ela que cheguei e estou em casa. Achei aquilo um absurdo. Ela ia saindo e a segurei pelo ombro. Falei tudo que tinha de falar. Dona Carlota se assustou. Parou e me olhou com os olhos húmidos.

- Sabe Chefe Nany, desde que Maria Thereza nasceu que fiz tudo para não ser uma mãe amorosa, para que ela não se apegasse a mim, pois eu tenho um câncer, isto já faz doze anos. Posso morrer a qualquer momento. O que seria de Maria Thereza quando eu morresse? – Pensei bastante e olhe Chefe, eu não sou psicóloga e nem sei nada sobre isto. Só disse para ela: - Dona Carlota, hoje é um dia que Maria Thereza se preparou como nunca. Se a senhora morrer pelo menos dê a ela uma alegria de estar presente. Eu não entendo nada disto, mas se a senhora amanhã se for, que ela tenha uma lembrança de uma mãe que a ame e não que a despreza! - Dona Carlota começou a chorar. Nesta hora Maria Thereza viu sua mãe e veio correndo. Abraçou-a, a beijou e acariciou. Falou coisas lindas com sua mãe.

- Chefe meu amigo, parece que uma luz do céu desceu ali no pátio e os anjos fizeram coro em uma canção de amor. Não sou espiritualista, mas vi um clarão azulado protegendo mãe e filha. Eu mesmo nunca vi um abraço como o de Maria Thereza e Dona Carlota. Se o mundo mudou para mãe e filha eu posso garantir que sim. Nunca mais vi Maria Thereza sozinha, taciturna e triste. Transformou-se por completo. Hoje ela é monitora na Tropa Sênior. Dizem que é a guia que mais distribui sorrisos. Eu Chefe fico pensando. O que um amor filial pode fazer? Ela não sabia que amava a filha e a filha nunca duvidou de seu amor por ela. O futuro agora seria feliz para sempre no coração das duas. E quer saber o melhor Chefe? Fiquei em Espera Feliz por muitos anos e enquanto morei lá. Dona Carlota estava viva, agora trabalhando muito, pois era uma ótima costureira e sempre tinha ao seu lado Maria Thereza a filha que sempre a amou e dizem que até hoje depois de sua partida, sorri quando vai a sua morada e reza.

“Um filho faz o amor mais forte, os dias mais curtos, as noites mais longas, a conta bancária menor, a casa mais feliz, as roupas mais largas (ou mais apertadas), o passado esquecido e o futuro digno de ser vivido.” Amor de mãe vence preconceitos, supera os limites, enfrenta todos os desafios e te ajuda a vencer. Amor de mãe, só Deus para entender. Simplesmente amor!



Apenas uma árvore em uma noite de Natal.

Era uma visão incrível. Apareceu assim do nada. Fez-se presente para sempre em minha vida. Dizem por aí que só os escoteiros têm o privilégio de ver e ouvir coisas, de entender o som do vento, o som das árvores, do regato que corre para o mar. Dizem que a natureza se faz presente aonde sempre vão e eu seguia o vento conforme meu Velho Chefe me ensinou um dia. “Escoteiro, siga o vento, ele sabe onde você deve chegar”. Meu Velho Chefe era um sábio. Mas na curva da trilha da felicidade eu a vi, imponente, linda, como se fosse uma deusa a olhar seus domínios naquela tarde gostosa de um setembro qualquer. Não sei por que eu modifiquei meu caminho para chegar ao Lago Dourado onde iria acampar. A mão de Deus dizem, sempre está presente a nos guiar. Deixei a trilha do Marquês e me apeguei a esta nova trilha. Já tinha bons seis quilômetros de jornada. Agora estava em um vale florido entre duas montanhas verdejantes. Sentia o suor no rosto e precisava de um descanso.

O sol me incentivava a parar. Os olhos vermelhos e o meu chapelão de três bicos mesmo ajudando a vedar o sol que estava em minha frente eu a avistei. Grande demais para o lugar onde nasceu. Quem sabe era a rainha de tudo? Quem sabe era ela quem mandava ali em seus domínios? – Porque não parar uns minutos para descansar na sombra desta imensa árvore que reinava sozinha naquele vale feliz? Que doce é o paraíso quando sem esperar o encontramos. Que visão maravilhosa, e ao lado eu avistei um pequeno riacho de águas cristalinas que descia a serra naquele vale feliz. Parei, tirei minha

botina, meu meião, coloquei meus pés naquelas águas mágicas que pareciam possuir um delicioso néctar para refrescar. Só então me virei para ela, a Deusa do Vale e tremi de êxtase ao ver que era uma cerejeira em flor. Maravilhosa, linda, folhas rosa destoando do verde ao seu redor. Sentei em sua sombra, encostei-me de leve ao tronco devagar pensando que não podia machucá-la.

Fechei os olhos docemente. Não queria, mas a sombra da cerejeira em flor me pedia para serrar os olhos, era como se sua voz suave me ordenasse um descanso. Minha mente percorreu toda a história da minha vida, naqueles segundos e minutos que ali permaneci. Vi-me menino de azul correndo pelas campinas com a chamada de Lobo, Lobo, Lobo. Olhei novamente e lá estava eu vendo o Balu colocar minha segunda estrela no meu Boné. Lembranças maravilhosas. Salto um espaço de tempo e lá estava eu de novo a ver meu corpo firme e ereto a receber minha primeira classe. Tempos que se foram e não voltam mais. Lembranças gostosas da vida que marcam para sempre nossa memória. Senti algumas flores caindo sobre mim e ao meu redor. A Cerejeira me presenteava com sua formosura as lembranças tão lindas de uma vida que parecia uma eternidade. Tudo estava calmo, delicioso, pássaros chilreavam trazendo aos meus ouvidos o belo som da natureza. O vento soprava como brisa para refrescar ali naquela sombra perfeita, pés levantados, respiração voltando ao normal. Era hora de partir.

Como partir? Minha mente entorpecida naquele instante renegou a ideia. Eu estava vivendo sonhos coloridos em baixo da Cerejeira em flor e me imaginava seguir novamente na trilha quente daquela tarde gostosa de um setembro qualquer. Perder aquele oásis dos deuses? Daquele paraíso cheio de flores a cair sobre a relva e sobre mim? A sensação de ficar era insistente, calma, silenciosa e gostosa. – “A flor de cerejeira cai da árvore na primeira brisa mais forte e não podemos dizer que ela nunca viveu. Uma flor de cerejeira dura um dia, um dia”... Mas ela não é menos bonita por isto. Quem disse isto? Não lembrava. Eu não queria partir, eu tinha encontrado o meu paraíso. Continuei a rebuscar meus pensamentos. – Será que o tempo é relativo? Que se a flor da cerejeira, por exemplo, dura apenas semanas e mesmo que durasse mil anos ainda seria efêmera? Oh Deus! Eu não queria partir. Porque não pensar que esta flor tão bela como era não merecia durar eternamente? Se o eterno dura com tanta intensidade porque ela não teria este direito? Eu dormia. Não queria acordar. A cerejeira me protegia da noite escura e sem luar. Ainda bem que o clarão das estrelas no céu me faziam voar nas asas da minha imaginação.

Acordei cedo. Um sono lindo e reparador, mas eu precisava partir. Um foguinho, o café na brasa, um papinho com Jesus e lá fui eu sozinho naquela trilha que nunca vi e nem sei se um dia iria voltar. Parei na subida da montanha, olhei para trás, meus olhos se encheram de lágrimas ao avistar a Cerejeira que foi minha barraca naquela noite linda de Natal. Olhei para o céu e fiz um pedido: - Deus, amigo dos Escoteiros, faça com que esta Cerejeira dure para sempre! O sol agora tinha um frescor de primavera. Uma luz azul me

indicava o caminho naquelas montanhas distantes. O novo dia já havia chegado sem fazer alarde. Por quê? Porque Jesus nasceu em Belém. O orvalho ainda resplandecia nas folhas dos arvoredos que me acompanhavam. Já não havia mais brisa, mas um perfume delicioso do verde das matas, do chão que eu pisava. Minha trilha era um acalanto por saber que nosso mestre tinha nascido e vindo trazer a luz para a humanidade.

Agora a trilha me levava a caminhos distantes. Ao meu lado meu riacho querido me acompanhava e cantava canções de ninar. A cerejeira me deu seu último adeus quando virei à montanha que se aproximava do céu. Em marcha de estrada eu sorria. Meu cantil com águas doces e cristalinas me fazia pensar como era bela a natureza em flor. A Cerejeira ficou em minha mente por toda a vida. Ela me deu o sentido de viver e me fez ver a milhares de quilômetros de distância, o lugar onde Jesus nasceu. Agora o mundo ia mudar. Agora só as palavras de amor iriam prevalecer. A Cerejeira em flor iluminou o meu caminho e iria iluminar o caminho do mundo. E Jesus fez acontecer. Aqueles que acreditaram nas palavras do senhor tinham em seu coração uma Cerejeira em flor!

- Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim nunca morrerá. "Jesus Cristo".



**E Sofia fugiu de casa na noite
de natal!**

¶ Em algum lugar além do arco-íris bem lá no alto
Tem uma terra que eu ouvi falar Um dia numa canção de ninar ¶

- Sofia, hora de dormir, não fique emburrada. Amanhã Papai Noel vai deixar muitos presentes para você! – Não quero! Não quero o que pedi vocês não me deram. Diga a Papai Noel que leve tudo de volta! Eu só quero ser uma lobinha e vocês não deixaram. - Zenaide riu e apagou a luz. Sabia que ela ia dormir logo e amanhã com seus presentes seria só sorrisos. – Sofia sentou na cama quando sua mãe saiu. Ela tinha tomado uma decisão. Demorou mas para ela não tinha outra saída – Iria fugir de casa! – Afinal não era mais uma menininha, já ia fazer sete anos e se sentia dona de si. – Vou esperar todos dormirem e eles nunca mais me verão! – O dia estava amanhecendo, Sofia sorria. Ela estava em uma linda estrada cheia de flores, tinha rosas, jasmim, violetas e um perfume maravilhoso. O sol estava nascendo quando ao seu lado apareceu um Coelho, enorme, sorrindo. – Veja Sofia eu também sou um Escoteiro e vou levar você para a terra Maravilhosa onde moram todos os escoteiros!

¶ Em algum lugar além do arco-íris Os céus são azuis
E os sonhos que você ousa sonhar Realmente se realizam ¶.

Sofia não cabia em si de contente. Ela conhecia os coelhos e sabia que todos eles são bondosos e não ia lhe fazer mal. – Quer um biscoito Sofia? Disse o Coelho. – Como você chama senhor Coelho? – Eu Sofia? Em me chamo Shere Khan, sou da Alcateia dos sonhos. – Sofia sorriu novamente. Começou a comer o biscoito, não estava com fome, mas não ia desapontador o Shere Khan. Na curava daquela linda estradinha ela avistou uma oncinha parda. Ela estava chorando. Sofia se aproximou: - Porque choras Oncinha? Sofia eu me chamo Hathi. Pois é Hathi, veja aqui tudo é lindo, as flores são belas e o céu de um azul sem igual! – Não precisa chorar em um lugar tão bonito! - Você não sabe? Respondeu Hathi. Choro pela sua mãe, pelo seu pai, pelo seu irmãozinho Nequinha, eles sentem falta de você! Estão tristes na casa que você os deixou! – Mas eu vou voltar Oncinha, eu vou voltar um dia, só quero ser lobinha por algum tempo! – O Coelho Shere Khan fingia tristeza, mas ele por dentro sorria. Ele nunca mais iria deixá-la voltar para casa. E os três continuaram na estrada até que avistaram um enorme castelo. Negro, nuvens cinza cobriam seu teto. De vez em quando uma chama de fogo subia aos céus.

¶ Um dia vou fazer um pedido pra uma estrela E acordar bem além das nuvens
Onde problemas derretem como gotas de limão Acima das chaminés
É lá que você vai me encontrar Em algum lugar além do arco-íris Pássaros
azuis voam
Pássaros voam por cima do arco-íris Então por que, por que eu também não
posso? ¶

Sofia parou assustada. O Coelho Shere Khan gritou – Não pare, naquele castelo tem chocolate, tem sorvete, tem tudo que gostas e não tem

agora! Hathi segurou com a pata o seu ombro. Não vá Sofia, vais encontrar uma feiticeira má, ela vai te prender na masmorra e nunca mais vai sair. O Coelho Shere Khan respondeu? Não acredita em mim Sofia, afinal sou um protetor dos lobinhos. - Ele mente Sofia, ele não é seu amigo, nunca foi – Disse Hathi. – Sofia viu o castelo mudar, ficou branco como a neve, uma fumacinha com cheiro gostoso de almoço da mamãe saia da chaminé. Sofia foi. – Entrou no castelo. Quis voltar e não pode. Uma mulher magra, com um chapéu cônico na cabeça dava gargalhadas. Obrigado Shere Khan, vamos ter um lauto almoço. – Um clarão se fez. Um enorme leão apareceu. Juba enorme, todos sabiam da sua força. – Nela ninguém tasca! Berrou o leão. Venha comigo Sofia, sou o leão da montanha e amigo do lobo Akelá. Vou te proteger!

¶ Um dia vou fazer um pedido pra uma estrela E acordar bem além das nuvens
Onde problemas derretem como gotas de limão Acima das chaminés
É lá que você vai me encontrar Em algum lugar além do arco-íris Pássaros
azuis voam
Pássaros voam por cima do arco-íris Então por que, por que eu também não
posso? ¶

O Leão da Montanha pegou Sofia pela mão, deu um enorme urro e saiu do castelo levando Sofia e a Oncinha Hathi. Estava escurecendo, ela não viu mais o Leão da montanha. Ele tinha partido e não avisou. Hathi a oncinha também não estava ali, agora sozinha na estrada Sofia teve medo. Não havia lua, não havia estrelas, estava tudo escuro. Sofia começou a chorar. Não se sabe de onde milhares de vagalumes começaram a voar em volta de Sofia. Tudo ficou claro. Uma enorme Coruja pousou em seu ombro. – Não chore menininha. Vou levar você para a casa do Duende Cor de Rosa. Lá você poderá dormir e descansar. Tenho certeza que o Duende que se chamava Balu recebeu Sofia com um sorriso. – Vamos comer mocinha, amanhã vou levar você de volta para casa. Não sentes saudades? – Sinto Senhor Balu, mas ando muito triste minha mãe e meu pai não fazem nada do que peço. – Balu olhou nos olhos de Sofia. – Quantos anos tem mocinha? – Sou dona de mim Senhor Balu, já vou fazer sete anos! – Hummm! Pensou o Balu. E seu pai e sua mãe quantos anos têm? Minha mãe tem vinte e oito e meu pai trinta e dois.

¶ Se felizes passarinhos azuis voam Para além do arco-íris Por que, oh por que
eu também não posso? E andaremos horas inteiras, sob o sol quente de
verão! E pisaremos sobre a poeira que se eleva fina do chão! Longo é o
caminho, longo, longo, Mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro,
duro, Cantemos para não cansar! ¶

- É Sofia, você está ficando velha, veja no espelho e me diga, não está velha demais? – Sofia olhou em um enorme espelho da sala. Ela estava velha, cabelos brancos. – Esta aí não sou eu respondeu Sofia. – É sim disse o Balu. É você mesmo, afinal você não disse que sabe tudo? Não disse que já é dona da sua vida? Não fugiu de casa pensando que não precisava de ninguém? – Sofia começou a chorar. Chorou tanto que acordou no colo da sua mãe que a beijava. – Não chores meu amor. Sua mãe está aqui! Venha, já amanheceu o

dia, vá ver seus presentes e não esqueça o envelope na árvore de natal!- Sofia desceu as escadas correndo. No envelope estava seu maior presente. A autorização para ela ser lobinha. Todos queriam que ela fosse no próximo sábado. – Sofia correu e pulou no colo do seu pai que sorria, sua mãe veio e os três ficaram abraçados e Sofia agradecendo seus sonhos. No alto da escada ela viu com muito amor o Balu, a Bagheera e Hathi. Todos sorriam para ela!

¶ E se os espinhos cortam a estrada E se o cansaço nos ferir, Que nossa voz se eleve mais forte, Pra mais alegria sentir! Longo é o caminho, longo, longo, Mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro, duro, Cantemos para não cansar!

E se a estrada é longa, imensa, Não poderemos esquecer, Que ela nos leva à luz, alegria, Verdade e ideal de viver! Longo é o caminho, longo, longo, Mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro, duro, Cantemos para não cansar! ¶

Toda letra aqui descrita é da canção - 'Over the Rainbow' do filme O Mágico de Oz!



As estrelas moram no céu.

Eu gostava de contar estrelas, uma, duas, três... E quando perdia a conta voltava de novo a contar e sempre a perder de vista a multidão de estrelas lá no céu. Aprendi nos lobos há tempos e tempos atrás. Estrelas no céu me fazem sonhar, sempre sonhei em andar no meio delas como na melodia Chão de Estrelas. – ¶“Mas a lua, furando o nosso zinco, salpicava de estrelas nosso chão, tu pisavas os astros distraída, sem saber que a ventura desta vida é a cabrocha, o luar e o violão”!¶ Fui crescendo contando estrelas, me via velejando num barco a vela no meio delas, perdido e embriagado com tanto

encanto. Quantas estrelas eu contei? Milhões? Bilhões? Números infinitos, me perder no meio delas quem sabe poder tocar e sentir a carícia do seu frescor? Do seu calor? Do seu brilho? Eu gostava de contar estrelas... Ainda Escoteiro me animava a deitar na relva e ver aquele espetáculo que só Deus poderia explicar.

Eu sempre gostei de contar estrelas, aquelas que moram lá no céu. Contei estrelas em lugares incríveis, montanhas impossíveis, picos indecifráveis. Sempre descansando a cabeça na grama, em uma pedra, ou a velha mochila companheira de aventuras. Tentei e não consegui contar estrelas em Caparaó. Sempre premiado com belicosas nuvens brancas a perder de vista. As estrelas quem sabe envergonhadas se escondiam por trás dos astros e eu relutante ali a olhar para o céu e eu só via a bruma branca, opaca não me deixando ver. Eu gosto de contar estrelas... Uma, duas, três, quatro... Foram tantas! Em Itatiaia um espetáculo inesquecível. Nas Montanhas do Morcego elas perdiam de vista. Nas planícies de Crenaque eu esquecia de dormir. Deus criou tudo em sete dias? Tantas estrelas no céu e eu nunca consegui saber quantas são. Perfeição do criador. Criou tantas coisas lindas, criou o nascer do sol, o por do sol se escondendo no mar imenso. O vento! Sim o vento amigo que nos acaricia o rosto no sol escaldante. Será que ele acaricia as estrelas?

Eu gosto de contar estrelas... Uma, duas, três, quatro... São tantas! Nenhum sonho é maior do que deixar o corpo solto e deitar em volta do fogo, noite alta, inclinado de olhos abertos em volta amigos, brasas adormecendo, fagulhas serenas pensando em subir aos céus... Quem sabe para contar estrelas. As belezas do mundo são nossas e o Escoteiro pode sonhar com elas, abraçar com elas, e... Contar estrelas! Privilégios que Deus no deu. Sentir a brisa caindo, molhando as folhas verdes a espera do sol, vendo a lua que se foi. A lua é linda, mas é uma só. As estrelas? São muitas perdidas no céu. Têm as pequenas, as grandes e não esqueço quando me deitei após um gostoso fogo de conselho lá para os lados da Pedra da Mina e dormi. Acordei antes de a madrugada nascer. Uma enorme estrela estava lá no céu. A estrela D'alva reinava como uma rainha cercada de milhões de outras estrelas. Foi um dos mais belos espetáculos de estrelas que um dia consegui ver. Parecia que as estrelas dançavam, em um lindo balé em volta dela. Sem perceber milhões de violinos começaram a tocar o Lago dos Cisnes e se Tchaikovsky ali estivesse eu tenho certeza que estaria de calça curta ao meu lado maravilhado em ver milhões de estrelas cintilantes nesta grandiosa abóboda celeste, um firmamento impossível de se tocar e... Contar...

A vida não para. Fui crescendo mais, homem me tornei e a idade não mais me deixou contar estrelas. Hoje as procuro no céu claro da minha morada e não as vejo. É, moderno isto. Não se pode mais contar estrelas, mas eu não desisto. Vou continuar insistindo e um dia quero de novo deitar na relva, próximo a um fogo adormecido onde as fagulhas relutam em subir aos céus,

quem sabe para não atrapalhar a maravilha do firmamento e eu então começarei do zero, de novo a contar estrelas... Uma, duas, três quatro...

Fui dormir pensando nelas. Pensando quantos como eu um dia tiveram a felicidade de contar estrelas. Seria o mundo mudado? Ninguém mais se importava com elas? Os meninos e as meninas não contam mais estrelas? Ah! Como eu gostaria de ser eles, poder deitar na relva a noite e olhar para o céu estrelado, sentindo o zunzum do passar dos cometas que não pedem passagem e se vão a sumir no espaço infinito. Olho para o teto do meu lar onde durmo, abre-se uma fenda e vejo o céu. Não sei se estou dormindo ou se estou contando as estrelas... Uma, duas, três, quatro... Eu gosto mesmo de contar estrelas...



Vou-me embora para Pasárgada.

Apenas um poema de Manoel Bandeira.
Ele tenho certeza irá me autorizar a modificar!

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou Escoteiro do rei
Lá vestirei meu caqui querido
Com o chapéu que escolherei.

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não posso acampar,
Lá não tem UEB e burocracia,

Só paisagens que vou amar.
Lá farei tantas aventuras
Que Baden-Powell sorridente
Fará meu sonho realizar.

Lá armarei minha barraca
No pico do monte feliz.
Andarei de bicicleta
escalarei mil montanhas
Subirei na pedra dos sonhos,
Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado
Deito na beira do rio,
Na sombra do abacateiro
Pois como bom Escoteiro,
Voltarei de novo a sorrir.

E quando sentir saudades,
Mando chamar meu monitor
Para me contar lindas histórias
Que no tempo de eu menino
Meu Chefe vinha contar

Vou-me embora pra Pasárgada
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De fazer escotismo de montão.

Tem escotismo prá pobre,
Tem escotismo sem par...
Tem escoteiras bonitas
Para a gente namorar.

E quando eu estiver mais triste
Mas triste que não ter jeito
Na conversa ao pé do fogo
Ouvirei histórias sem par.

Vou embora para Pasárgada.
— Lá sou Escoteiro do rei —
Terei o grupo que eu quero
No bairro que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada.
Aqui eu não volto mais,

Adeus UEB dona de tudo,
Adeus amigos queridos,
Adeus... Eu não sei quando vou voltar...

O poema correto de Manoel Bandeira pode ser visto na internet. Ele vai me desculpar!



FIM